



NEROLOGISMO:

das palavras que inventei pra me (re)encontrar

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

IVALDO FERNANDES DE QUEIROZ NETO

NEROLOGISMO: das palavras que inventei pra me (re)encontrar

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Evaldo Fernandes de Queiroz Neto

Título do trabalho: Nerologismo: das palavras que inventei pra me (re)encontrar

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Evaldo Fernandes De Queiroz Neto, Discente**, em 21/11/2025, às 21:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliano Ribeiro De Moraes, Professor do Magistério Superior**, em 29/11/2025, às 09:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Pilegi Da Silva Sa, Professor do Magistério Superior**, em 08/12/2025, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5793733** e o código CRC **B6E9A3CB**.

EVALDO FERNANDES DE QUEIROZ NETO

NEROLOGISMO: das palavras que inventei pra me (re)encontrar

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Artes Visuais

Orientador: Prof. Dr. Rubens Pilegi da
Silva Sá

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Fernandes de Queiroz Neto, Evaldo
NEROLOGISMO [manuscrito] : das palavras que inventei pra me (re)encontrar / Evaldo Fernandes de Queiroz Neto. - 2025.
CXCVII, 197 f.: il.

Orientador: Prof. Rubens Pilegi da Silva Sá.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Cidade de Goiás, 2025.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Artes visuais. 2. Arte contemporânea. 3. Processo criativo. 4. Poesia visual. 5. Trocadilhos. I. Pilegi da Silva Sá, Rubens, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e oito dias do mês de novembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Nerologismo: das palavras que inventei pra me (re)encontrar”, de autoria de Evaldo Fernandes de Queiroz Neto, do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo prof. Dr. Rubens Pilegi da Silva Sá - orientador (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Ms. Juliano Ribeiro de Moraes (FAV/UFG) e prof.ª Dr.ª Eliane Maria Chaud (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,5 , tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Pilegi Da Silva Sa, Professor do Magistério Superior**, em 29/11/2025, às 00:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliano Ribeiro De Moraes, Professor do Magistério Superior**, em 29/11/2025, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Maria Chaud, Professora do Magistério Superior**, em 29/11/2025, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5793744** e o código CRC **D7FE9CA0**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, à minha mãe, que foi minha primeira imagem, meu primeiro pilar e base: mais que Graça, uma graça que me trouxe à vida. Mulher que sonhava em se formar na faculdade, cujo sonho não se tornou realidade, mas, mesmo diante das dificuldades, fez o possível e o impossível para que, através da educação, seu (e meu) sonho ecoasse em seus filhos.

Segundamente, a Marco Antônio — Marquinho, Marcão e Bó —, pai-presente, que mais que pai foi um presente que a vida me deu, para me inspirar. Que, assim como mamãe, é pilar que me estruturou, me educou, sendo exemplo de ser humano, e me oferecendo tudo o que eu precisava e mais do que eu merecia.

Terceiramente, à Letícia — Lele, Letisa, Ledísia — irmã amiga, que me foi remédio nas maiores feridas que a vida me mandou sem avisar. Me ajudou a continuar nadando depois de me afogar.

Sem vocês eu não existiria, então a vocês eu dedico este trabalho, minha obra e minha vida — e minha vontade de continuar. Vocês são símbolos de força, dedicação e coragem, personificações da imagem de alguém que um dia quero me tornar.

À Stelinha, que com um presente me possibilitou um recomeço. Aos amigos que tornaram o Neto um amigo, o Nero possível e o Nerinho querido. Aos colegas

que, através da Pintada (atlética), trouxeram cor a uma história cinza e que, a cada passe, fizeram pulsar em mim vida. Que foram apoio quando o chão parecia desabar.

À quem não está mais entre nós, mas segue sempre comigo: vó Badia, vô Pereira e tia Heloísa, que fazem falta desde suas partidas; a Zé Antônio, que sempre me viu como artista; à vó Zefa, eterna Zefinha, meu maior amor, que deu vida à vida que me gerou, e que, com sua partida, me ensinou o que é saudade — deixando um vazio que me levou de encontro à arte; e, dentre as dores, à maior: Maria das Dores — tia Teta, “Tetê”, Tétinha — que, de repente, o acaso levou, deixando a certeza de que ele nos presenteou com um ser de luz, e com a sorte de ter compartilhado caminhos ao seu lado.

Só cheguei até aqui porque nunca estive sozinho. Então dedico esta pesquisa a todas as pessoas que trocaram passos comigo. Algumas permanecem, outras nem tanto, mas todos esses passos me fizeram chegar a esse ponto.

E, por fim, dedico esse trabalho aos eu em mim, que por muitas vezes acharam que era o fim. Nunca é o fim, é sempre caminho. E hoje sei: *que estou onde estou, porque passei por onde passei.*

AGRADECIMENTOS

Dentro dessa pesquisa o momento dos agradecimentos é sem dúvidas o mais difícil. Não porque eu não saiba agradecer — *muito pelo contrário* —, é por entender que esta pesquisa só foi possível porque trago na mala uma série de conexões, vestígios e rastros que todos os meus afetos deixaram em mim: eu sou um grande mosaico formado pelos fragmentos das minhas relações. Dos familiares aos desconhecidos íntimos, dos melhores amigos às desavenças, do motorista de ônibus à tia da cantina. Sinto que todos que estiveram comigo deveriam ter seus nomes aqui, mas, dada minha memória frágil somada à extensão da minha caminhada, listar tantas pessoas é tarefa impossível. Ainda assim, deixo aqui minha gratidão inenarrável e a tentativa de agradecer-las com algumas palavras.

Agradeço aos meus pais, Maria das Graças Fernandes e Marco Antônio Pereira de Araújo, pelo apoio incondicional, pela base sólida e por terem dado a mim tudo aquilo que não puderam ter e a minha irmã, Letícia Fernandes Pereira de Araújo, por ser referência ética, afetiva, acadêmica e profissional.

Ao curso de Arquitetura e Urbanismo, pelas ferramentas apresentadas, e à Stela Moreira Gonçalves, que é exemplo de resiliência, empenho e competência e que me ofereceu um apoio-presente que trouxe luz aos meus labirintos sombrios. Sem essa luz, eu não teria chegado até aqui.

Aos colegas de curso em Artes Visuais, que me inspiraram com seus rastros e passos durante esse percurso. Aos amigos de rolê e gameplay, que me foram leveza em meio ao caos. A Heloísa Fermino Lemos, por ter sido referência e madrinha artística. A Lara Alves e Giselle Santos pelo exemplo de dedicação pessoal e acadêmica. E a Atlética Pintada, por ter sido palco de tantos progressos e aprendizados, e por me apresentar as linhas, nós e laços que me foram apoio durante esse processo.

À Manoela dos Anjos, por me (re)ensinar a escrever. A Rubens Pilegi e Juliano Moraes, pelos tensionamentos. A Eliane Chaud, por me ensinar a gastar meus caracteres. A Glayson Arcanjo, por abrir caminho aos meus retornos. A Odinaldo Costa, por apresentar o que me atravessa. A Paulo Henrique Duarte, por me provocar a arquitetar meu fazer. A Carla Luiza, por me despertar diante da gramática da imagem. Aos demais docentes e discentes, por me estimularem a lapidar o que faço.

E agradeço a todas as minhas versões, por não terem desistido, apesar do impossível.

Ao Evaldo Neto, que engatinhou para que o Neto pudesse andar.

Ao Neto, que andou para que o Nero pudesse saltar.

E a todos os eus em mim que, juntos, fazem o nerologismo voar.

Merz: Termo criado pelo artista plástico, pintor, poeta e escultor alemão Kurt Schwitters (1887–1948) para designar seus processos criativos e seu próprio estilo. Surge a partir de um fragmento de um folheto impresso de banco — o *Kommerzbank* (“banco do povo”, em português) — utilizado por Schwitters em uma de suas colagens. Posteriormente, o artista passou a empregar a palavra Merz para nomear seus trabalhos com colagem e pintura, estendendo-a, mais tarde, à sua poesia e, por fim, a toda a sua produção.

Neologismo. s.m. [do alemão “Neubildung” (Nova palavra)].

etimologia: *neo* + *logos* + *-ismo*

Uma palavra recém-criada. Normalmente, um neologismo serve para nomear um novo objeto ou conceito. Ele pode surgir por meio de composição normal ou híbrida, derivação, empréstimo, metáfora, etc., recorrendo assim a elementos significativos já existentes na língua (palavras, afixos, etc.) ou em outra língua. Mas, às vezes, o neologismo é inteiramente inventado. (Carreter, 1977, p.291, tradução nossa).

Trocadilho. s.m. [Vid. Trocados]

Trocados. s.m. plur. — Trocados de palavras; espécie de ornato de estilo vicioso que consiste em equívocos, e palavras em que trocada uma letra há diverso sentido (Vieira, 1874, p 829)

nerologismo
(nero + logia + ismo)
↓ ↓ ↓
eu razão emoção

Figura 1. Nero. *Achismos*. 2025. 21x21cm. Arquivo pessoal.

RESUMO

Nerologismo, para mim, desenvolve-se de forma semelhante à palavra **Merz**, que para o artista alemão Kurt Schwitters (1887-1948) servia para designar seus processos artísticos e seu próprio estilo, tornando-se um termo que sintetizava e atravessava todo o seu processo criativo.

De mesmo modo, esta pesquisa tem como objetivo introduzir um neologismo como termo nomeador do meu processo criativo e investigar de que forma a memória, a cultura popular de massa, a linguagem podem operar sobre esse conceito enquanto metodologia criativa e artística. Além disso, busca-se explorar, a partir de um estudo prático-investigativo das produções e experimentações autorais, como os retornos e o cansaço permeiam esses processos e estruturas. Isto é, o cansaço como metáfora para a produção de objetos visuais bidimensionais e experimentações digitais, onde o uso da palavra e da imagem dialogam com a poesia visual e com o desenho artístico, ao mesmo tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Artes Visuais. Arte contemporânea. Processo criativo. Poesia visual. Trocadilhos.

ABSTRACT

Neologismo, for me, develops in a way similar to the word **Merz**, which for the German artist Kurt Schwitters (1887–1948) served to designate his artistic processes and his own style, becoming a term that synthesized and permeated his entire creative practice.

In the same way, this research aims to introduce a neologism as a naming term for my creative process and to investigate how memory, mass popular culture, and language can operate upon this concept as a creative and artistic methodology. Furthermore, it seeks to explore, through a practical-investigative study of authorial productions and experiments, how recurrence and exhaustion permeate these processes and structures. That is, exhaustion as a metaphor for the production of two-dimensional visual objects and digital experimentations, where the use of word and image simultaneously dialogues with visual poetry and artistic drawing.

Keywords: Visual Arts; Contemporary Art; Creative Process; Visual Poetry; Wordplay.

LISTA DE FIGURAS

As imagens apresentadas neste trabalho são autorais e/ou de arquivo pessoal, exceto as que a autoria é indicada.

Figura 1. Nero. <i>Achismos</i> . 2025.....	11
Figura 2. <i>sufocação</i> . 2021.....	21
Figura 3. <i>Onde flor que eu errei?</i> 2021.....	22
Figura 4. <i>Sem título?</i> Sem data.....	23
Figura 5. <i>Tô bem</i> . 2020.....	24
Figura 6. <i>Tô bem</i> . 2021.....	24
Figura 7. <i>in merso</i> . 2019.....	25
Figura 8. <i>1993</i> . 2022.....	27
Figura 9. Mapa visual 1: Palavras-chave. 2025.....	29
Figura 10. Mapa visual 2: Palavras-chave. 2025.....	30
Figura 11. Mapa visual 3: Palavras-chave 2. 2025.....	32
Figura 12. <i>Sem título</i> . 2021.....	36
Figura 13. <i>Os eus de mim</i> . 2021.....	39
Figura 14. <i>fora da caixinha</i> . 2022.....	43
Figura 15. <i>Fotografia de Evaldo Neto</i>	44
Figura 16. <i>Fotografia de Evaldo Fernandes de Queiroz</i>	44
Figura 17. <i>Ismos</i> . 2024.....	48
Figura 18. <i>Chæga</i> . 2022.....	49
Figura 19. <i>tempestade eu corpo d'água</i> . 2020.....	52
Figura 20. Mapa visual 3: Referências gerais da cultura popular. 2025.....	53
Figura 21. Ezequiel Moura e obra. 2019.....	55

Figura 22. Susano Correa. <i>homem sufocado com sua própria delicadeza</i> . 2017.....	56
Figura 23. <i>Choices</i> . 2018.....	58
Figura 24. <i>em frente, enfrente</i> . 2017.....	60
Figura 25. <i>saudade</i> . 2017.....	61
Figura 26. <i>e te aquieta, etiqueta</i> . 2021.....	63
Figura 27. <i>um dia rio</i> . 2020.....	65
Figura 28. <i>afundado em si</i> . 2020.....	66
Figura 29. <i>vai passar?</i> 2020.....	68
Figura 30. <i>vai passar</i> . 2022.....	71
Figura 31. <i>m'eu dos</i> . 2022.....	72
Figura 32. <i>c'aminhador</i> . 2022.....	73
Figura 33. <i>tô cansado de tentar ser produtivo o tempo todo</i> . 2020.....	77
Figura 34. <i>Ensaio sobre o cansaço #1</i> . 2022.....	80
Figura 35. <i>ensaios sobre o cansaço 3#</i> . 2022.....	81
Figura 36. <i>asvezesnemrespiro</i> . 2022.....	82
Figura 37. <i>ensaios sobre o cansaço</i> . 2023.....	83
Figura 38. <i>as crônicas de neurinho</i> . 2023.....	84
Figura 39. Paulo Moreira. <i>mas até aí tudo bem</i> . 2020.....	85
Figura 40. <i>passos</i> . 2025.....	87
Figura 41. <i>estou onde estou porque passei por onde passei</i> . 2024.....	88
Figura 42. <i>Ensaio sobre o cansado</i> . 2024.....	90
Figura 43. <i>Ensaio sobre o cansaço #6</i> . 2024.....	91
Figura 44. Augusto de Campos. <i>Lixo luxo</i> . 1985.....	93
Figura 45. Augusto de Campos. <i>Acaso</i> . 1963.....	93
Figura 46. <i>Ensaio sobre a ansiedade #9</i> . 2025.....	94
Figura 47. <i>Ensaio sobre a ansiedade #8</i> . 2025.....	94
Figura 48. <i>Estudos experimentais</i> . 2025.....	95
Figura 49. <i>digitais digitais</i> . 2025.....	96

Figura 50. <i>blablabla</i> . 2024.....	97
Figura 51. <i>Série: ensaio sobre os passos</i> . 2025.....	100
Figura 52. <i>Metamorfose</i> . 2017.....	103
Figura 53. Mapa visual 4: nerologismo.....	104
Figura 54. <i>Série: ensaio sobre os passos</i> . 2025.....	105
Figura 55. <i>Série: ensaio sobre os passos</i> . 2025.....	106
Figura 56. <i>nav.eu.gante</i> . 20??.....	107
Figura 57. <i>Sail!</i> . 20??.....	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
1. NEROLOGISMO.....	26
2. NERO-.....	37
2.1 OS EUS EM MIM.....	40
2.1.1. Evaldo.....	44
2.1.2. Neto.....	45
2.1.3. Nero.....	59
3. LOGIA-.....	64
3.1. Um novo curso.....	69
3.2. Primeiros passos.....	72
3.3. Nerologismos.....	76
3.4. Cansaço.....	76
3.5. Reencontro.....	84
4. -ISMOS.....	89
3.1. Merz.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
APÊNDICE A - NEROLOGISMOS: sou muito do que sou, e tudo do que crio.....	112
APÊNDICE B: ensaios.....	123
APÊNDICE C: ensaios sobre o cansaço.....	137
APÊNDICE D: ensaios com as palavras.....	153

INTRODUÇÃO

Olhando para o passado vejo uma criança criativa que falava pouco, um jovem confuso que desenhava aquilo que as palavras não conseguiam dizer (figura 2), um adulto que inventava suas referências para tentar sobreviver e, mesmo sem perceber, formava uma bagagem criativa que reunia símbolos, gestos, frases de efeito e imagens que traduzem vivências pessoais e alimentam uma poética singular. Mas muitas vezes palavra, desenho ou imagem alguma eram capazes de dizer o que se passava naquela mente: e nesses momentos algo inominável aparecia para me provocar.

Essa provocação me levou a diversos lugares, estimulou retornos, idas e vindas incessantes, e em uma dessas voltas — agora, depois de adulto — um termo (res)surge para abrir caminho a novos retornos — e nomear o inominável: o *nerologismo*.

Nerologismo é um neologismo que surge a partir de um trocadilho com meu apelido, Nero, que tem servido como termo designador do meu território criativo que articula desenho, design gráfico e manipulação de palavras e abriga procedimentos visuais e recursos linguísticos — principalmente as figuras de linguagem, me permitindo ser metafórico (figuras 2, 3 e 4), redundante, irônico (figuras 4 e 5), hiperbólico, eufemista, entre outros.

Esta pesquisa acadêmica de conclusão de curso busca compreender como o *nerologismo* se consolida como processo criativo e método. Mais do que um trocadilho artístico, trata-se de uma linguagem que se constrói a partir de memórias afetivas, contextos culturais e experiências subjetivas — e abraça as provocações e dúvidas e retornos como estímulo à sua expansão.

A investigação propõe refletir sobre como os atravessamentos emocionais e as experiências autobiográficas se traduzem e se materializam em símbolos, gestos e imagens, estruturando uma poética pessoal. Ao analisar esses movimentos, pretende-se não apenas contextualizar as obras que consolidam essa poética — a partir de uma lente que considera o afeto, a cultura popular de massa e a linguagem como gatilhos conceituais —, mas também consolidar um caminho metodológico que vem se expandindo enquanto é construído. Além disso, a pesquisa se apoia em uma abordagem prática-reflexiva, que valoriza o processo como campo de conhecimento. Por meio da análise das produções artísticas autorais — desenhos, colagens, textos, objetos e experimentações visuais — busca-se compreender como a criação se torna espaço de encontro entre o consciente e o inconsciente, entre o corpo que faz e o pensamento que observa.

A relevância desta pesquisa está na possibilidade de contribuir para as discussões sobre a arte como forma de pensamento sensível e o processo criativo como campo de pesquisa, ampliando as compreensões acerca do papel do artista-pesquisador na contemporaneidade. Ao refletir sobre o fazer artístico a partir

da própria experiência, este trabalho inscreve-se em uma tradição de investigações poéticas que unem prática e teoria, abrindo caminhos para novas leituras sobre os processos criativos e suas potências simbólicas.

É nesse contexto que o nerologismo emerge



Figura 2. *sufocação*. 2021. Lápis de cor e aquarela sobre papel sulfite . 21x21cm. Acervo do autor.

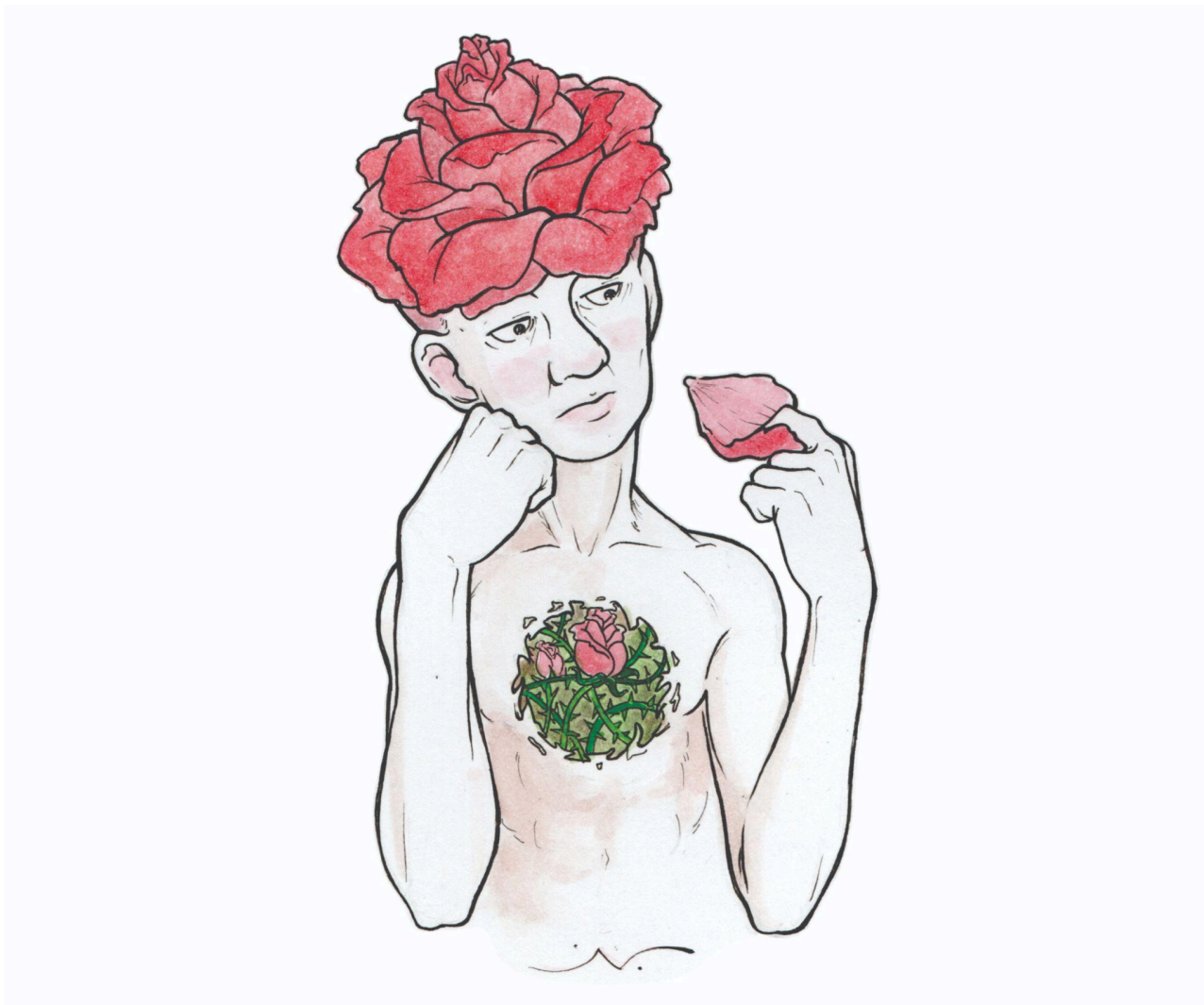
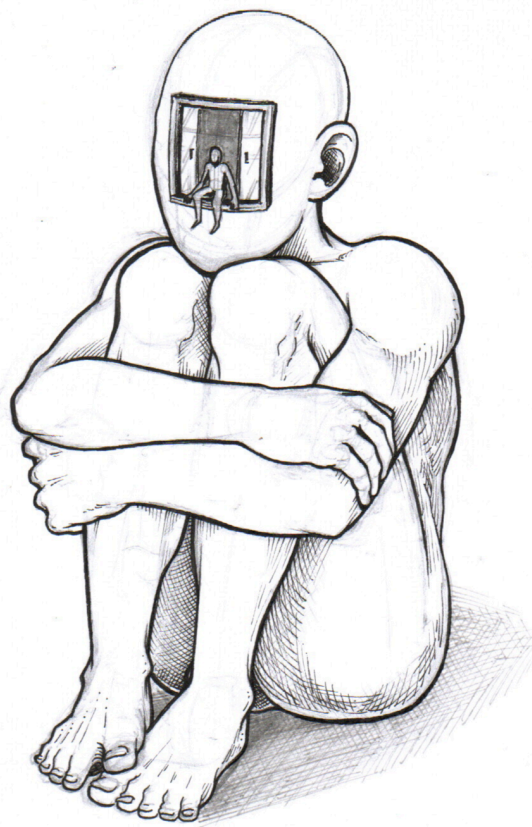


Figura 3. *Onde flor que eu errei?* 2021
Nanquim, lápis de cor e aquarela sobre papel. 21x21cm. Acervo do autor.



UM OLHAR PRA FORA DE SI

Figura 4. *Sem título?* Sem data. Nanquim sobre papel. Acervo do autor

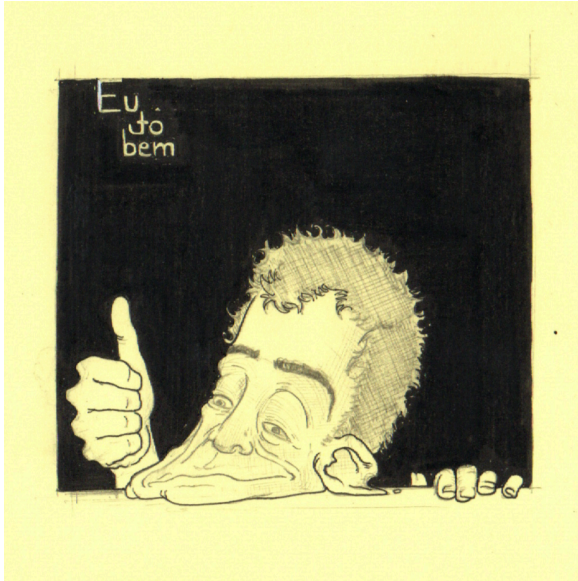


Figura 5. *Tô bem*. 2020.
Nanquim sobre post-it. 6x9cm. Acervo do autor



Figura 6. *Tô bem*. 2021.
Pintura digital. Acervo do autor

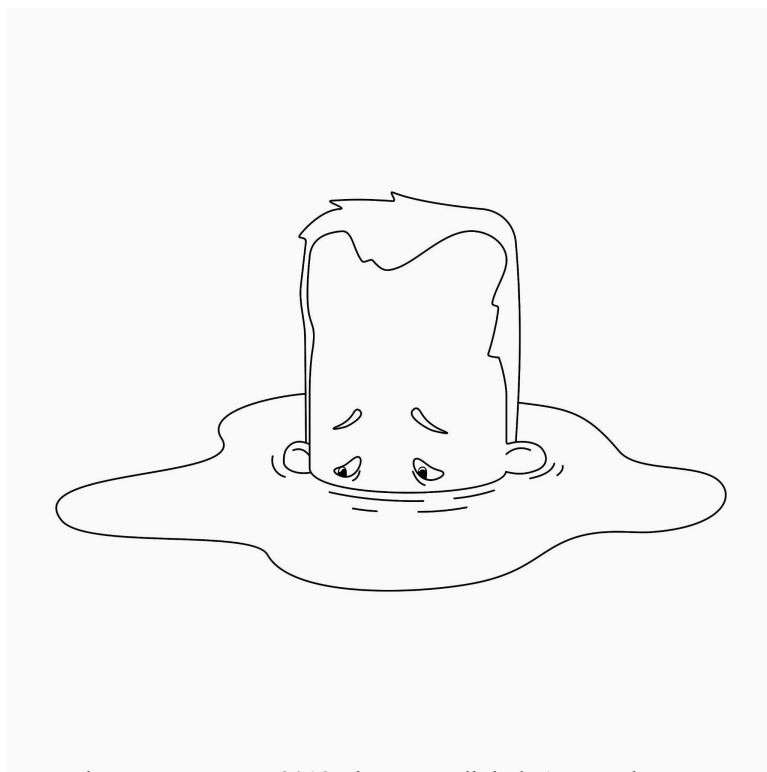


Figura 7. *in merso*. 2019. Ilustração digital. Acervo do autor

1. NEROLOGISMO

Diante de uma trajetória marcada por nomes, ausências, aparições, suposições e retornos, o *nerologismo* emerge como síntese poética desses atravessamentos criativos. Entre achismos, clichês e frases de efeito, li certa vez que a narrativa de si não é apenas o relato do vivido, mas a elaboração contínua dessa experiência. O *termo* passou a nomear aquilo que parecia ter se desenvolvido de forma orgânica e que transbordava em mim: sentimentos, memórias, afetos e imagens que insistiam em retornar.

Nesse contexto retorno meu olhar a *e/e* e, na busca de consolidá-lo como conceito, regresso ao princípio de tudo, mapeando e revisitando processos, traduzindo-os em movimentos espontâneos, achismos, retornos, revisões, avanços e expansões — como um elástico tensionado que se estica ao máximo, e ao retornar se encontra maior que antes.

Na infância eu costumava desmontar objetos, brinquedos e aparelhos do cotidiano, brincar com as partes desmontadas e com elas criar brinquedos novos (figura 8). Diante do dinamismo dos meus processos criativos, apliquei ao *nerologismo* um método semelhante — dividir para compreender as partes e remontar para compreender o todo — e indo de encontro à provocação de Ponge: “A função do artista é assim bastante clara: ele deve abrir um ateliê e tratar de consertar o mundo, por fragmentos, como ele aparece. (Ponge, 1997, p. 15).

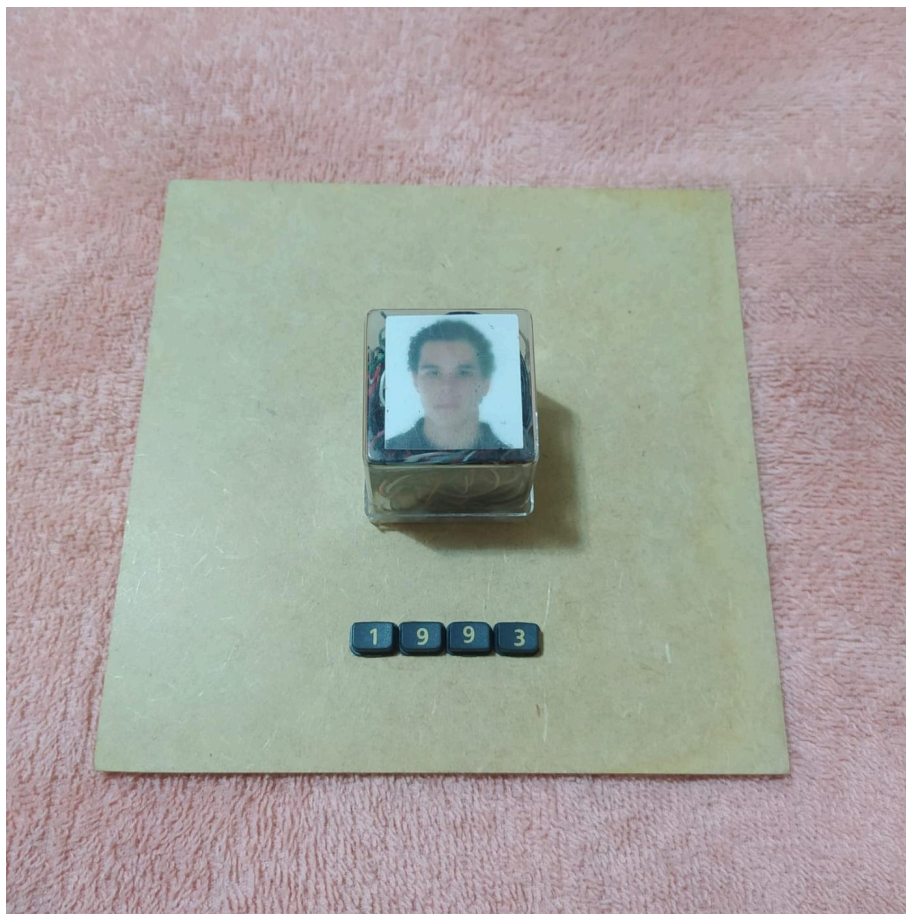


Figura 8. 1993. 2022. Sobras sobre mdf. 15x15x4cm. Acervo do autor.

Assim fiz do *nerologismo* meu ateliê e mundo, dividindo-o em 3 fragmentos: Nero + logia + ismos. A partir disso segue a busca não apenas de decompor a palavra, mas revelar suas tensões internas — nomear para reorganizar. “**Nero**” funciona como ícone subjetivo; “**logia**”, como campo racional que tenta compreender aquilo que se produz; e “**ismos**”, como desdobramento expressivo e conceito em expansão. Parafraseando Leda Tenório, o método é caminho (Ponge, 1997, p. 9), é sempre processo, e o *nerologismo*, nesse sentido, se torna meu método.

Desses fragmentos revisito minhas memórias e produções, indo de encontro à um gatilho originado à partir da ideia de pensar por constelações, onde:

A seleção de imagens para a organização de constelações se faz por relações de semelhança e por um tensionamento desta similaridade ou analogia aos limites da dessemelhança, da inversão de sentidos, compreendendo o caráter propriamente simbólico, dinâmico, divergente/ convergente e evasivo/centrípeto do imaginário [...] o tipo, o contra-tipo, o atípico e seus desdobramentos e derivações mais próximos e mais distantes. (Gerencer, Rozestraten, 2016, p. 93)

Tomando constelação como ideia de aproximar elementos distantes, não lineares, para produzir sentido, percebo em minhas produções pequenos lampejos, rastros, ruídos e silêncios que, quando colocados em relação, revelam o campo criativo não linear, repleto de retornos e sem definições rígidas: um campo constelar — ao qual procuro mapear.

Nesse processo me vejo em uma “pseudo-redundância”, em uma maré criativa que constantemente avança e retorna — em um chamado poético que me convida a entrar nesse mar: onde caminho no raso antes de mergulhar. A partir dessa analogia, retorno às minhas investigações, passeando novamente por meus processos e produções, buscando palavras-chave que me ajudem a compreender a fundo esse campo criativo — dando origem aos primeiros mapas visuais (figura 9 e 10).

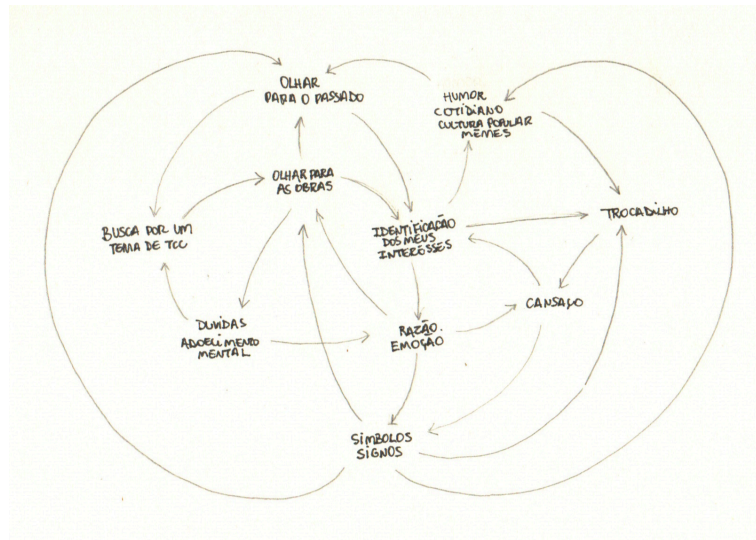


Figura 9. Mapa visual 1: Palavras-chave. 2025. Acervo do Autor.

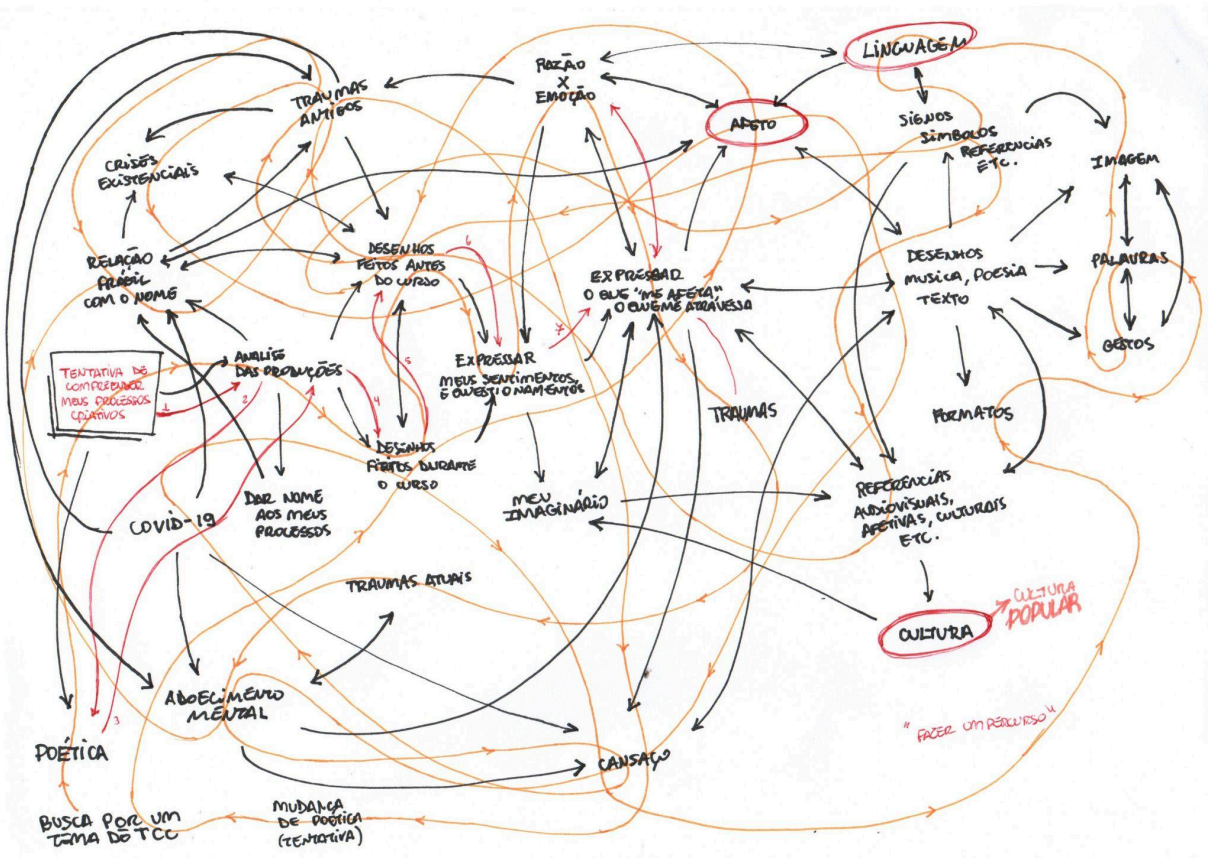


Figura 10. Mapa visual 2: Palavras-chave. 2025. Acervo do autor.

Nesse movimento identifico 3 conceitos gerais que permeiam o *nerologismo* — o afeto, cultura e linguagem — onde me apoio na ideia de **afeto** como "estado emocional que se relaciona com a formação da pulsão, ou designações que reproduzem situações antigas imprescindíveis à vida e, conseqüentemente, anteriores à própria individualidade" (Dicio, 2025) — me retomando à uma frase do professor Odinaldo Costa que me marcou durante a graduação: "Afeto é o que me afeta, me atravessa". **Cultura** surge nesse caminho como um termo abrangente — de múltiplas concepções — onde o abordo como "um conjunto de saberes herdados, aprendidos e adquiridos" — que relacionado ao afeto através de uma lente pessoal, me levam a um contexto de vida onde a **cultura popular de massa** se apresenta como recorte deste termo abrangente. Na **linguagem** me aproprio da sua definição como "qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc" (Dicio, 2025) ou "a faculdade que o homem possui de comunicar seus pensamentos. Qualquer sistema que serve ao homem para o exercício dessa faculdade." (Campos, p.131-132).

Ao relacionar esses conceitos entre si, notei articulações e sobreposições que me levaram a novas palavras-chave: *memória*, *nostalgia*, *discurso*, *expressão* e *linguagem* (figura 11).

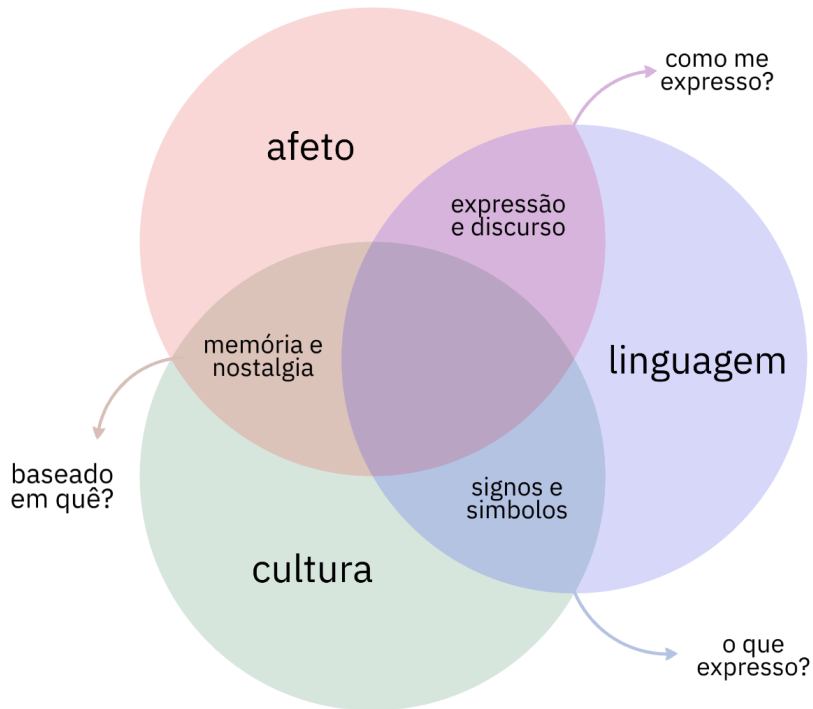


Figura 11. Mapa visual 3: Palavras-chave 2. 2025. Acervo do autor.

Entre *afeto* e *linguagem*, surgem *expressão* e *discurso*. A *linguagem*, nesse caso, não se limita à palavra, mas inclui gestos, cores, ritmos, pausas e silêncios. Sob influência de pesquisas superficiais trago o afeto como forças que movem e orientam o corpo criativo e tensionado-o com o conceito de “é o que me atravessa”. Isso me leva a relacionar a rotina à expressão, visto que é nos materiais que fazem parte do meu dia-a-dia — como o lápis grafite, canetas esferográficas, papel sulfite e o que sobrar da rotina — que o *nerologismo* expressa seu discurso.

Entre *afeto* e *cultura*, emergem *memória* e *nostalgia*. Ao relacionar “o que me atravessa” com o conceito geral de cultura, sou levado aos contextos familiares de infância, às referências da cultura popular de massa e, conseqüentemente, à uma frase de efeito que chegou a mim durante uma sessão de terapia, que dizia que “*a memória é sempre construção, nunca retorno puro*”; por isso, minhas investigações visuais lidam com uma nostalgia que não é mera saudade do passado, mas tentativa de compreendê-lo — e me compreender diante dele.

Pensando em *linguagem* e *cultura*, as palavras *signo* e *símbolo* surgem a partir de uma busca por conceitos que pudessem simbolizar suas relações. A busca me levou a uma ideia de que a indústria cultural estrutura parte de nosso imaginário, sendo impossível fugir completamente de suas imagens. Abraçando minhas suposições, retorno às minhas produções, identificando que me aproprio dessas imagens, deslocando-as a outros lugares, traduzindo seus significados em símbolos e signos.

Esse gesto de reinscrição me leva a uma dinâmica “vice-vérsica” de refletir e experimentar, tornando a palavra em território poético e investigativo. Assim uma palavra-chave vai me levando a outra, revelando novos entrelaçamentos e novas palavras-chave, num processo que se repete e continua em desdobramentos incessantes que me retornam à palavra, assumindo-a como imagem, unidade visual e gatilho gestual — dando origem aos ensaios sobre o cansaço e experimentações com palavras e caracteres (Apêndices C e D).

Essas relações revelam um sistema em constante expansão: um organismo vivo — um corpo de trabalho em formação. A prática poética se torna um mapa aberto, uma cartografia interna que vai se ampliando a cada processo, a cada falha e a cada retorno. Ao criar buscando respostas, novos problemas eram inventados, me levando a compreender que criar é sempre inventar um problema, e talvez o *nerologismo* seja exatamente isso: um problema que continua a produzir caminhos.

Abraçando a vulnerabilidade da memória, o *nerologismo* se coloca como campo de passagem, nunca como conclusão. Ele organiza, mas também desorganiza; ilumina, mas também desestabiliza. Em algumas produções e experimentações essas qualidades emergem e se evidenciam através da legenda, onde sua função é tensionada, reconfigurado-a a uma lógica poética, á uma finalidade, num resultado que tenta subvertê-la enquanto a assume.

É assumindo seu potencial desorganizador que o termo se posta, daqui em diante, sempre com “n” minúsculo. Não por mera estética, mas por um trocadilho conceitual: se toda frase ou nome se inicia com letra maiúscula, *e/e* se assume sempre com “n” minúsculo, pois, mais do que um nome, ele é sempre um meio. Se ele é passagem, nunca conclusão, mais que signo de si, ele é processo de si — uma estrada constelar onde o destino é o próprio caminho.

Assim, o *nerologismo* se revela não como resposta, mas como provocação numa jornada de desvios, invenções e questionamentos retroativos que buscam não respostas rígidas, mas uma validação de si como movimento de continuar se

questionando a partir dos seus próprios ecos: O que faço? Como faço? O que embasa esse “fazer”?

*De “quês” em “quês” o nerologismo avança nessa jornada,
ainda na busca pelas corretas palavras.
Daqui em diante mergulhando no raso pra se afogar
e convido você — leitor — a me acompanhar.*

E é nesse contexto que o nerologismo avança

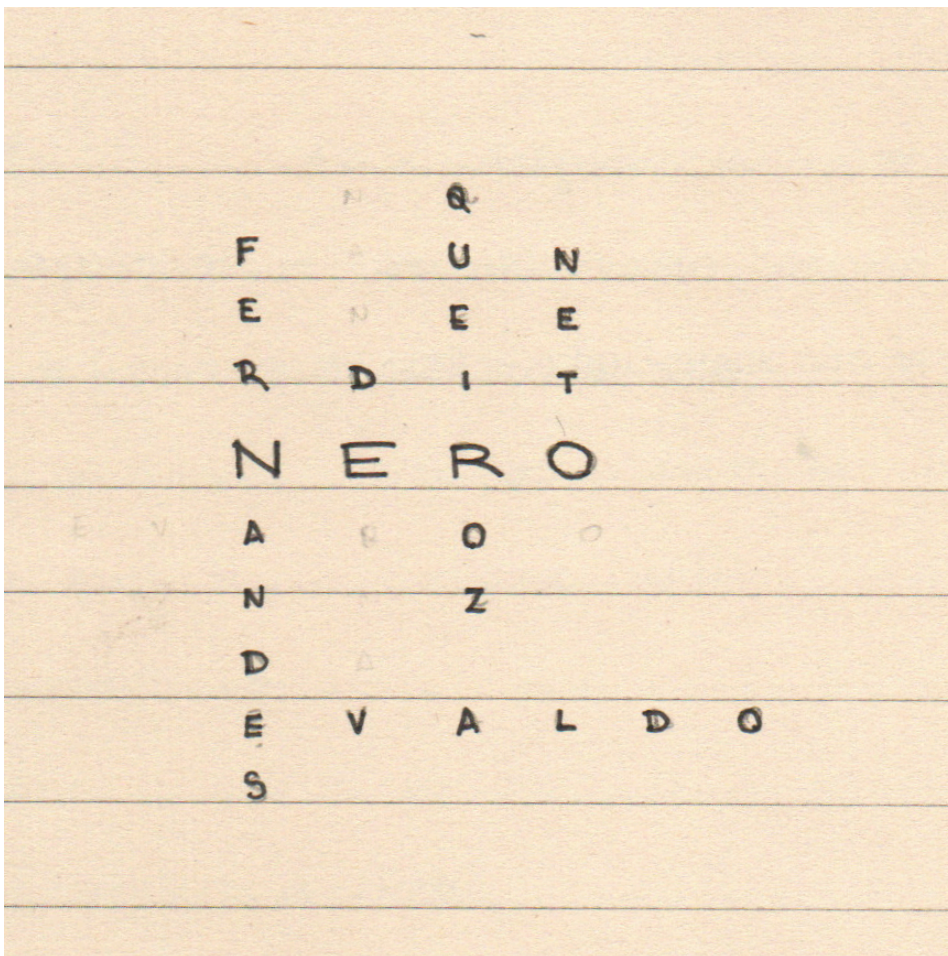


Figura 12. *Sem título*. 2021.
Nanquim e eu sobre papel.
10x10cm. Acervo do autor.

2. NERO-

Nero:apelido, persona, eu-lírico, nome artístico

As imagens que consumimos ao longo da vida desempenham papel essencial na construção da memória afetiva. Elas não apenas compõem repertórios visuais, mas evocam emoções e moldam percepções. Filmes, programas de TV, jogos digitais e objetos cotidianos tornam-se gatilhos que interferem em nossas lembranças, revelando o poder das imagens de nos afetar e influenciar nossa percepção emocional do mundo. Esse processo de resgate e mapeamento visual é delicado: pode nos levar a lugares bons ou dolorosos do passado, mas nos permite refletir sobre como a arte e a imagem são capazes de atravessar o tempo e se inscrever em nossa identidade.

Desde a minha infância um campo criativo vem se construindo e expandindo, através de um imaginário que dá corpo aos meus processos artísticos — formando um ecossistema onde o “artístico” é a ação, o imaginário é a intenção e o “criativo” é o antes, o durante, o depois e os ecos de todos esses processo.

Entre rabiscos em cadernos usados, embalagens descartáveis e objetos cotidianos, o gesto espontâneo já se revelava em minha infância como forma de expressão através da imagem — um modo de me comunicar comigo e com o mundo. Na adolescência o gesto artístico encontra no desenho e na escrita instrumentos para manifestar gostos, afetos, inquietações e questionamentos. Na

vida adulta, com novas ferramentas de expressão, esse fazer se intensifica como caminho para expressar sentimentos, refletir sobre minha identidade e materializar em imagens minhas próprias indagações.

Entre afetos, memórias, inquietações e gestos havia algo que, muitas vezes, parecia escapar das minhas próprias mãos. A inserção no curso de Artes Visuais abriu caminho para a investigação desse “algo”, me levando a um passeio repleto de retornos, encontros, desencontros e reencontros — e é em um desses retornos que o *nerologismo* nasce, dando nome a todo o meu processo criativo.

A memória é frágil, volátil, se perde, expande e transforma a cada retorno, mas ao caminhar por ela, percebo que a relação entre eu e meu nome atravessa as entrelinhas de todas as fases da minha vida, permeando processos artísticos, escolhas estéticas e a visão de si diante de um todo, como sujeito em constante busca de autoconhecimento — e de pertencimento. Num contexto onde nomes podem validar um pertencimento, a ação de nomear me surge não como uma mera forma de rotular, nem apenas como gesto de enquadramento, mas como um método de organizar a experiência e torná-la visível. Nesse sentido, compreendo que a ideia de “dar nome às coisas” é fundamental na construção dos meus processos criativos.

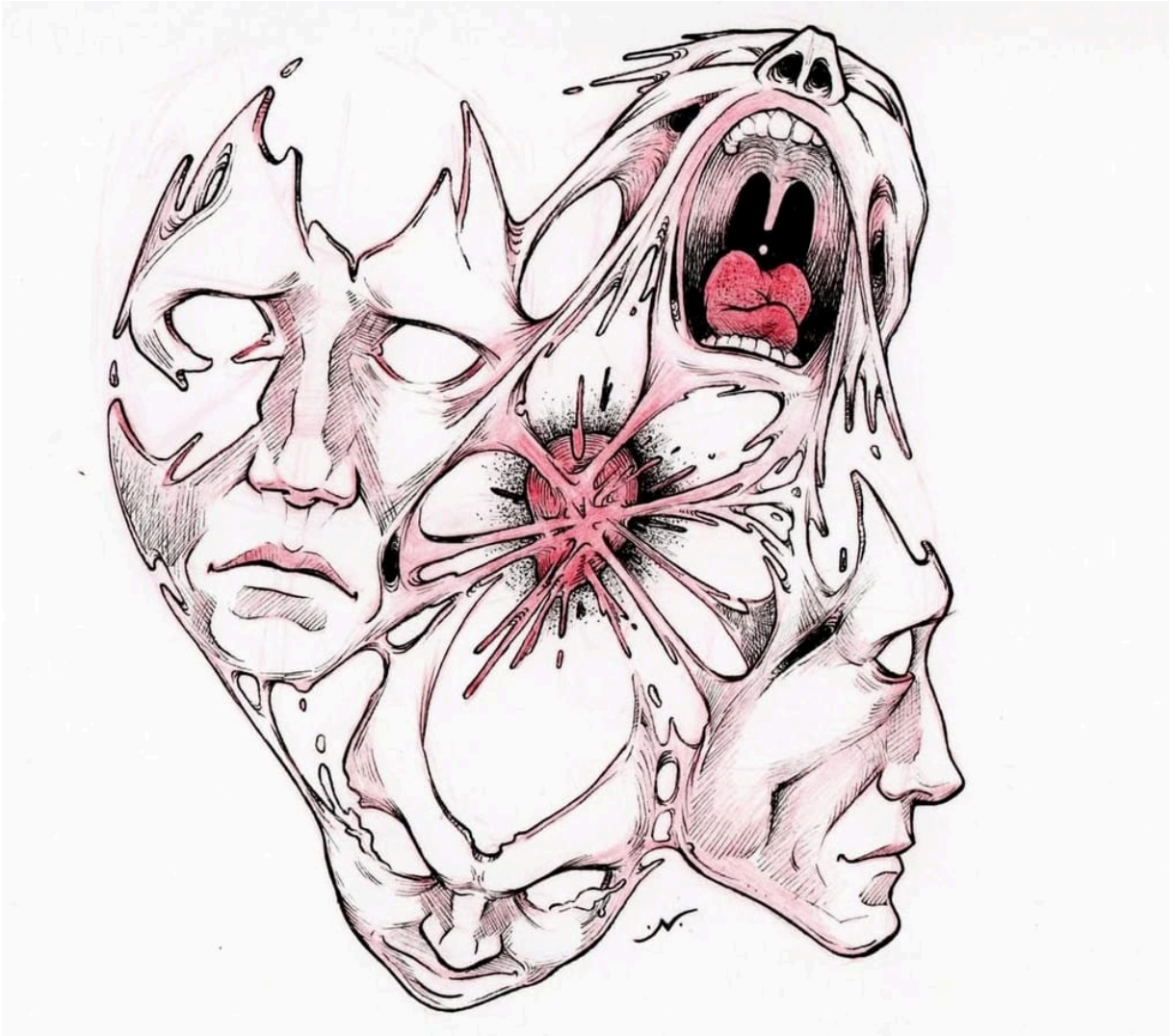


Figura 13. *Os eus de mim*. 2021. Nanquim e grafite vermelho sobre papel. 15x15cm. Acervo do autor.

2.1 OS EUS EM MIM

Navegar no raso da internet — Google — revela de imediato que o nome não é trivial, mas assunto recorrente em diversas áreas do conhecimento e objeto de debates de longa data na filosofia, trazendo tensões entre sua relação com o que nomeia e sua capacidade de expressar a essência ou a natureza das coisas, ou um sinal que estabelece um entendimento de um conceito, signo composto por significante e significado ou pode ser índice, ícone ou símbolo, dependendo de como se relaciona com aquilo que representa. As suposições, definições e possibilidades são diversas — e arbitrárias como abordado no diálogo Crátilo de Platão:

Hermógenes - Sócrates, o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes de sua língua, mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os Helenos como entre os bárbaros em geral. Perguntei-lhe, então, se, em verdade, Crátilo era ou não o seu nome, ao que ele respondeu afirmativa- mente, que assim, de fato, se chamava. E Sócrates? perguntei. É Sócrates mesmo, respondeu. E para todos os outros homens, o nome que aplicamos a cada um é o seu verdadeiro nome? E ele: Não; pelo menos o teu, replicou, não é Hermógenes, ainda que todo o mundo te chame desse modo. E como eu insista em interrogá-lo, desejoso de apanhar o sentido do que ele diz, não me dá resposta clara e ainda usa de ironia, como querendo insinuar que esconde alguma coisa de que tenha conhecimento, que me

obrigaria --- no caso de resolver-se a revelar-me --- a concordar com ele e a falar como ele fala. Por isso, se tiveres meio de interpretar o oráculo de Crátilo, gostosamente te ouvirei. Porém com maior prazer, ainda, ficarei sabendo o que pensas a respeito da exata aplicação dos nomes, se isso for do teu agrado. (Platão, 1973, p. 119)

Através desse diálogo, Platão não só aborda essa arbitrariedade dos nomes, ele traz o questionamento a respeito deles: se eles têm uma relação natural e intrínseca com os objetos ou se são meras convenções sociais. A obra de Haroldo de Campos (1975, p.134), revela que o signo não é um reflexo passivo do real e sim uma entidade psíquica de duas faces que unem não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica onde o significante é a imagem sensorial e o significado é imagem mental da coisa.

Essas perspectivas me ajudam a compreender por que o nome próprio pode adquirir dimensões que ultrapassam a mera convenção: ele pode se tornar ícone — quando parece espelhar quem somos — ou símbolo — quando carrega valores, memórias e afetos. Essas ideias não me trazem respostas rígidas, mas vão de encontro às minhas inquietações, me revelando que o nome também não é trivial, nem apenas uma mera designação: é, sobretudo, um território sensível.

Os nomes que me acompanham moldam minhas percepções, afetam meu imaginário e transformam minha identidade e minha própria poética. São nomes que funcionam como espelhos, máscaras, abrigos ou aberturas, fazendo de mim um singular múltiplo, sempre atravessado por vozes e discursos, e talvez seja por isso que meus nomes tenham adquirido a força de signos: eles condensam camadas, histórias, afetos, imagens. Em cada um deles reconheço não apenas quem fui, mas também quem inventei e quem continuo inventando. Nesse sentido, o nome é uma espécie de ‘campo poético’ — um espaço onde identidade e criação se confundem.

Sendo assim, a seguir proponho revisitar esses nomes e suas memórias como forma de compreender os “eus” que habitam em mim, explorando suas origens, contextos culturais e impactos na minha trajetória artística e pessoal. Ao fazer isso, busco não apenas mapear minha história, mas entender como a minha relação com o nome produz diversos gatilhos e dispositivos criativos, abrindo caminhos para a construção do *nerologismo* como linguagem e metodologia.

É nesse contexto que o nerologismo retorna



Figura 14. *fora da caixinha*. 2022. Nanquim, lápis de cor e grafite vermelho sobre papel. 15x15cm. Acervo do autor.

2.1.1. Evaldo

A partir do conceito de origem, de Walter Benjamin (2020, p.257-258), emerge a ideia de que toda origem é também um ponto de opacidade: não lembramos, mas somos lembrados. Assim, minha primeira história não é minha, mas um mosaico de relatos, fotos e impressões herdadas.

Nasci em 14 de setembro de 1993, sob o nome de **Evaldo Fernandes de Queiroz Neto**. O nome que recebi foi herança de meu avô, **Evaldo Fernandes de Queiroz**, falecido em 1987 em um acidente de trabalho. Embora eu nunca o tenha conhecido, sua memória me acompanhou desde cedo, evocada por fotografias, histórias e olhares de terceiros.



Figura 15. Fotografia de Evaldo Neto.
Acervo pessoal.



Figura 16. Fotografia de Evaldo Fernandes de Queiroz.
Acervo pessoal.

Recentes sessões de terapia me trouxeram a percepção de que toda imagem ausente produz uma força particular: ela insiste, retorna, pressiona. Assim também funciona o nome que me foi dado: ele carrega uma ausência que moldou minha presença. A memória que tenho dele não é própria, mas construída a partir do olhar dos outros.

Essa homenagem póstuma, ao mesmo tempo que simboliza afeto, também me colocou em relação com uma história anterior à minha, como se eu fosse convocado a continuar algo que não vivi. Assim, meu nome já me ligava a um enredo familiar, que moldava minha identidade antes mesmo de eu poder escolher.

Ser presenteado com esse símbolo parecia um privilégio mas, como diz o ditado popular, “*no jardim da vida nem tudo são flores*”, com o tempo isso foi se tornando um pesar: Se o nome simboliza à alguém, herdar o nome é, de certa forma, herdar um destino simbólico, e se todo alguém carrega uma história, eu iniciava a minha carregando expectativas de uma narrativa póstuma. O nome do meu avô, ausente e silencioso, estava ali — moldando minha identidade antes mesmo de eu aprender a escrevê-lo.

2.1.2. Neto

Nos círculos familiares, ainda nos primeiros anos da infância, eu era chamado de **Neto** — às vezes Netinho. Evaldo ou Evaldo Neto? Até então, nunca. Foi nos

primeiros círculos escolares que fui tratado como Evaldo pela primeira vez, através da chamada escolar. Os detalhes mínimos não se mantiveram na memória, mas a sensação se tornou inesquecível.

Não que as primeiras impressões sempre fiquem, mas aquele nome me soou de forma estranha, despertando um sentimento de incômodo que permeou minha relação com ele. O contato com a cultura popular de massa afirmou esse desconforto: nos anos finais da década de 1990, a *TV Cultura* exibia o **Castelo Rá-Tim-Bum**, um programa infantil muito popular na época, que misturava fantasia e comédia em um castelo habitado por personagens diversos. Entre eles, havia o Etevaldo — um turista extraterrestre de queixo saliente, cabeça avantajada, antenas largas, dentes enormes e um nome perigosamente parecido com o meu. Os trocadilhos eram inevitáveis, rendendo brincadeiras de mau gosto e um sentimento de “desidentificação” que ecoaria por minha história.

Identidade não é essência, mas construção cultural (Silva, 2000, p 97). Assim, meu mal-estar diante desse nome não era apenas pessoal: era também um incômodo produzido pela maneira como aquele signo organizava meu lugar no mundo.

Entre embalagens de papel, capas de disco e revistas velhas, os rabiscos surgiam como gestos de fuga — Era o prazer do rabisco pelo rabisco: um modo de exteriorizar uma energia criativa que buscava contorno. Embora não expressassem

diretamente minhas inquietações identitárias do momento, esses gestos retornaram no futuro, revelando uma tendência a “*me expressar como posso e com o que tenho*” e o início de um processo criativo em rede, ou um movimento que não nasce pronto, mas se forma entre materiais, desejos e experimentações. Ou como descreve Cecília Salles: “as tendências poéticas vão se definindo ao longo do percurso: são leis em estado de construção e transformação.” (Salles, 1998, p. 40).

Ainda em contexto de infância simples, a rádio e TV aberta eram os principais meios de acesso à cultura. Os desenhos animados, séries infantis, programas de auditório, comerciais de TV, me trouxeram diversos símbolos que se tornaram recorrentes em minhas produções (figuras 17 e 18) — como o coração, que é comumente associado à emoção; a mente e o cérebro, associado à razão e ao pensamento; os curativos, que remetem à processos cura; as cicatrizes e rachaduras, que remetem à dor — e me apresentaram os **trocadilhos**, um recurso que despertou em mim um interesse espontâneo por brincar com as palavras, seus sons e seus sentidos. O signo nasce do movimento da semiose (Santaella, 1995, p.10) — processo de criação e interpretação de significados através de signos — sempre em transformação, então talvez, intuitivamente, eu começasse a perceber o jogo da linguagem como espaço de invenção.



Figura 17. *Ismos*. 2024.
Nanquim, caneta esferográfica,
palavras e achismos sobre papel.
14x21cm. Acervo do autor.

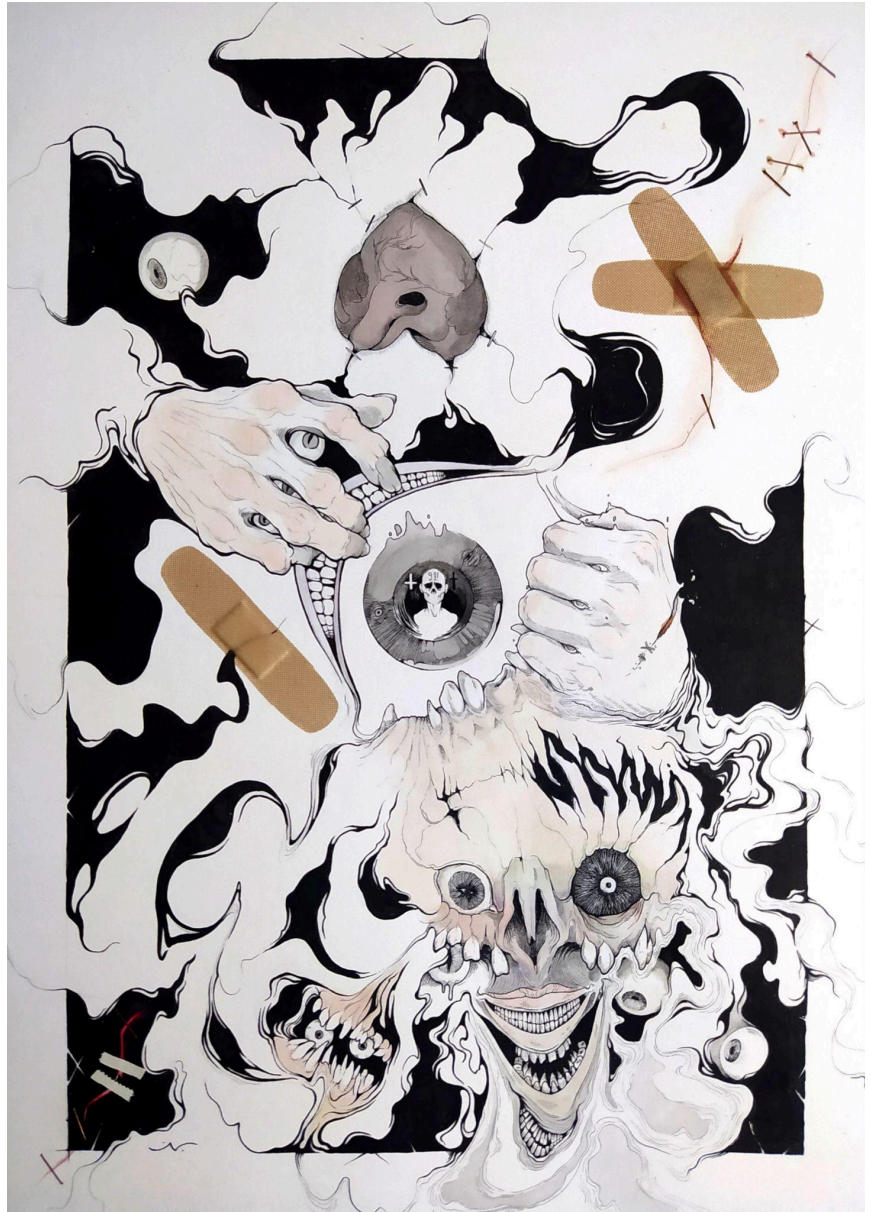


Figura 18. *Chæga*. 2022.
Nanquim, aquarela, grampos
e curativos sobre papel.
29,7x42cm. Acervo do autor.

Com a virada do milênio novas tecnologias se tornaram populares. A **TV** seguia sendo uma referência, mas o acesso a novas mídias — embora tardio à mim — ampliaram meu repertório. O **videocassete**, e, depois, o aparelho de **DVD** contribuíram para a formação de um repertório simbólico — as narrativas audiovisuais não eram apenas entretenimento, eram modos de ver, sentir e construir imaginário. O primeiro **mp3 player** me atravessou inicialmente de outra forma: pela sonoridade: os sons pelo som, como experiência sensorial — que depois me levou ao interesse por letras de músicas, rimas, poemas e som das palavras.

Os **videogames** marcaram uma virada importante: mais que assistir, eu podia *ser*. O Super Nintendo e o Playstation 2 me ofereciam experiências de protagonizar vidas múltiplas, me aproximando novamente do conceito de **devir** (Zourabichvili, 2024, p.24), onde identidades que não permanecem, mas passam, experimentam, ensaiam.

Com a chegada do primeiro **microcomputador**, no final dos anos 2000, a possibilidade de ter todos esses aparelhos em um só se tornou real. Com a expansão da **internet** banda-larga e democratização do seu acesso, séries, jogos, livros, memes e diversos conteúdos, que pareciam inacessíveis, estavam agora há poucos clicks de distância.

Com a internet pude me aprofundar nos jogos online, que me trouxeram novas vidas múltiplas, mais imersivas e ensinaram que nomes, apelidos e nicknames

podem ser escolhidos — e que **escolher um nome é escolher um modo de existir**.

Apesar disso, diante de tantas possibilidades, o superficial por muitas vezes me bastava: O repertório musical se resumia algumas frases de poucas músicas de muitas bandas — *“por amor às causas perdidas”, “eu gosto é do gasto”, “the more i see the less i know”, “what am i now?”, “como pode alguém sonhar o que é impossível saber?”, “quem é mais sentimental que eu?”, “vou das palavras à pele, deixo às palavras a pele”, “And the shadow of the day will embrace the world in grey and the sun will set for you”...* —; o gosto por filosofia e literatura crescia, mas se baseava apenas em poucas frases de muitos autores e filósofos aos quais eu raramente gravava o nome — *“penso, logo existo”, “Não vemos as coisas como elas são, mas como nós somos”, “torna-te aquilo que és”, “repara bem no que não digo”, “o adulto criativo é a criança que sobreviveu”...* —; o interesse por filmes e animações se resumia em algumas cenas de muitos filmes — até se sintetizar em uma imagem com ou sem legenda, ou um meme.

O meme, resumidamente, é um conteúdo — normalmente imagem, vídeo ou texto — de natureza humorística e irônica, que podem se difundir, popularizar através da internet, circulando, viralizando, sendo recriadas e aplicadas em diversos contextos: um fragmento retirado de seu contexto original e aplicado em outro. Nas minhas produções isso também ia ganhando forma — a superficialidade da internet ia de encontro com minhas profundidades. Mergulhar no raso para me afogar.



Figura 19. *tempestade eu corpo d'água*. 2020. Nanquim sobre papel. 8x8cm. Acervo do autor.

Essas referências visuais e sonoras foram alimentando meu imaginário e participando da construção de uma identidade que ainda não se reconhecia plenamente no nome de batismo. O contato com a psicoterapia revelou que a infância produz uma forma particular de experiência: não acumulada, mas atravessada por lampejos de memória. Hoje entendo que essas referências da cultura popular funcionavam como “centelhas” que voltavam para me organizar silenciosamente.

Com o tempo, as primeiras centelhas foram aparecendo, transformando os rabiscos em desenhos rápidos, e os desenhos em projeções de desejo. Ao rabiscar figuras em poses heróicas, eu não refletia apenas um apreço por animações e programas de fantasia, mas também uma busca por identidade através delas. Eu projetava no papel aquilo que eu gostaria de ser — ou precisava — ser.

A integração da internet à rotina — através da internet móvel e popularização dos **smartphones** — trouxe mudanças no meu modo de produzir desenhos. As redes sociais influenciam muito nesse processos: Os perfis digitais funcionavam como espaço de exposição e autoarquivamento, e ao ver na produção de outros artistas — como a de Ezekiel Moura (figura 21) e Susano Correa (figura 22), @ezeziel.moura e @susanocorreia, respectivamente, no instagram — atravessamentos semelhantes aos meus, percebi que memória e afeto são, **formas de sobrevivência e resiliência**. Além disso, o formato dos “feeds” estimulavam em

minha produção uma preocupação expositiva e curatorial, fazendo com que minha relação com imagem e legenda se intensificasse.

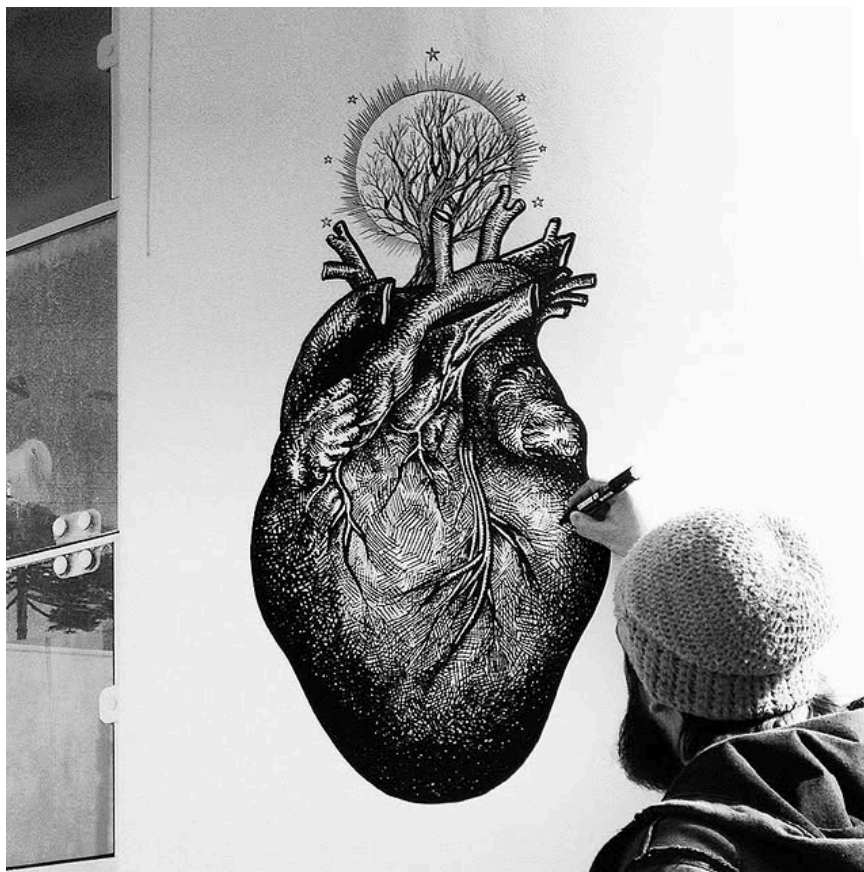


Figura 21. Ezequiel Moura e obra. 2019. Fonte: Instagram.



Figura 22. Susano Correa. *homem sufocado com sua própria delicadeza*. 2017. Fonte: Instagram.

Diante desse cenário, o que antes era gesto livre se tornava **processo consciente**, como formula Cecília Salles (1998, p. 125-126). A folha ia se tornando quadrada, a legenda crescendo, a cor diminuindo, e a assinatura tornando-se parte da composição — e, sem perceber, a legenda virava texto, o texto virava poesia, a poesia se tornava música, a música se tornava imagem, a imagem se tornava linha, a linha retomava ao texto e aos poucos tudo se misturava através de signos que retornavam até se tornarem símbolos: elementos visuais recorrentes que revelavam afetos estruturantes, mesmo quando eu não percebia.

Se por um lado esse amplo acesso a novas possibilidades ia expandindo meu imaginário e consolidando meu fazer artístico, por outro a minha relação com o nome seguia fragmentada. Derrida (2001, p.11) afirma que todo arquivo é uma forma de autoridade: quem nomeia, arquiva. Assim, o nome Neto parecia um título, que organizava minha existência por uma lógica de parentesco, mas também me aprisionava nela. Evaldo era nome de batismo e de um avô que nunca conheci. Me faltava uma identidade. Eu não era Evaldo, nem Neto. No máximo, o neto do Evaldo. Mas e eu? Quem eu era?



Figura 23. *Choices*. 2018. Nanquim e caneta hidrográfica sobre papel. 21x21cm. Acervo do autor.

2.1.3. Nero

Apesar de Neto, a busca por identidade continuava. Eu experimentava apelidos como quem testa roupas — mas nenhuma me cabia bem. Neto no ambiente familiar, Evaldo no escolar. Online, ou em qualquer outro ambiente, eu seguia testando variações. A relação com os trocadilhos auxiliava na ampliação de possibilidades — tanto de apelidos quanto de produções visuais. De um lado os trocadilhos com apelidos traziam mais camadas de desconexão com o nome, o que resultou em um cansaço dessa busca, levando à uma conformação com o nome Neto. Por outro lado, os trocadilhos iam ganhando força, se relacionando com meus contextos emocionais diversos e alimentando minha produção visual, dando origem, futuramente, à diversos trocadilhos visuais (figuras 24 e 25) que brincavam com as sonoridades e estruturas das palavras, trazendo-as para dentro do desenho — retornado ao que Deleuze (Zourabichvili, 2024, p. 24) chamaria de **devenir**: uma existência que se move entre possibilidades sem se fixar.

Foi no hiato dessa busca que o acaso me trouxe um nome: Em um antigo grupo de amigos tínhamos alguns costumes em comum. Um deles era conversar pela internet através de chats de grupo e repetir nele os erros de digitação engraçados que apareciam durante a conversa. Certo dia, em meados de 2014, uma amiga desse grupo enviou “Nero” ao tentar escrever “Neto”. Como de costume, todo o grupo repetiu a palavra e ela se tornou um meme entre nós.

Nos encontros presenciais o Neto ia aos poucos dando lugar ao Nero. E o apelido então pegou, ganhou força e se tornou signo — não por intenção, mas por insistência afetiva.

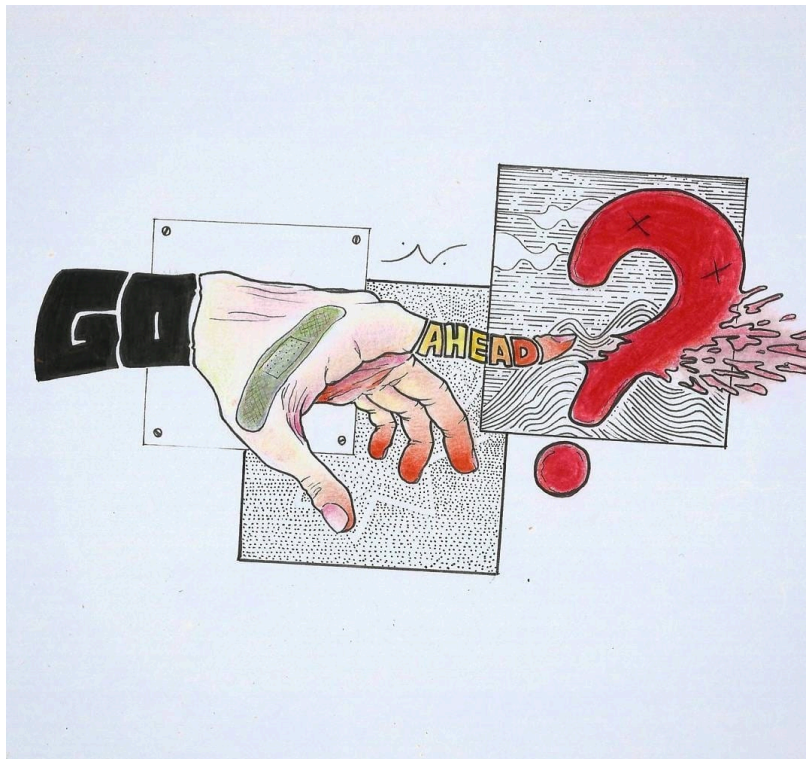


Figura 24. *em frente, enfrente*. 2017. Nanquim e lápis de cor sobre papel. 15x15cm. Acervo do autor.



Figura 25. *saudade*. 2017. 15x15cm. Nanquim e lápis de cor. Acervo do autor.

O nome “Nero” cresceu em mim justamente quando eu vivia o luto pela morte da minha avó — uma das experiências mais dolorosas da minha vida. Do luto fui às cinzas, e nas cinzas fiz “Nero” brasa, tornando-o símbolo de um novo (re)começo: um modo de respirar no meio de um colapso afetivo. Era um recomeço.

Nesse mesmo contexto eu cursava minha primeira graduação, em Arquitetura e Urbanismo. Na multidisciplinaridade do curso encontrei ferramentas que ampliaram meu repertório estético e técnico. A tinta nanquim, a aquarela, a colagem, o digital, o desenho arquitetônico, os programas de edição de texto e imagem — tudo se tornou possibilidade. Com as possibilidades vieram as experimentações e com elas meu gesto se refinou, dando forma ao meu “estilo artístico” através de um processo criativo que estava entrelaçado e alimentado por materiais, tecnologias, afetos e memórias.

Nesse período, “Nero” deixou de ser apenas um apelido: se tornou **assinatura**, símbolo e possibilidade de reencontro. Mesmo não concluindo a graduação, tudo que nela aprendi, me atravessa até hoje. “Nero” é mais que um nome: é o arquivo que eu mesmo criei para afirmar minha existência.

E é nesse contexto que o nerologismo navega.



e te aquieta, etiqueta (2021, adaptado)

*Eis o rótulo herdado
Colado em um frasco fraco
que não compreende sua forma
nem o que tem carregado.*

*Imperador do próprio descaso
confuso, fragmentado
dançando em fogo controlado.*

*Fogo de palha não assombra
Fagulha pequena não queima Roma
mas é ponto de luz em antigas sombras.*

*Potinho frágil, emprestado
De pé, a partir de seus estilhaços
Remontado montado, fragmentado
Sensível à si e à sutis impactos*

*Nera n'era Neto ou é Evaldo?
no fim das contas, não sei de fato
De fato só sei rótulos deslocados
que eu inventei pra seguir meus passos*

Figura 26. *e te aquieta, etiqueta*. 2021. Colagem digital, desenho e legenda. Acervo do autor.

3. LOGIA-

-logia: sufixo que exprime a noção de estudo, saber, discurso sistemático

Aquilo que nasceu do acaso tornou um erro de digitação em um acerto simbólico, transformando um acidente em método. Nero, portanto, não é apenas resultado de um equívoco, mas a prova de que o pensamento também brota do imprevisto. O acaso, ao ser acolhido, tornou-se persona, nome artístico e eu-lírico. Se Evaldo era herança e Neto um fardo, Nero surgiu como síntese e ruptura e se fixou como uma possibilidade de reescrever e ressignificar a mim e aos “eus”.

O fruto desse acaso tornou-se o nome de um autônomo criativo, mas assim como o surgimento do apelido, a vida também tem suas surpresas — que nem sempre são boas. E foi em uma delas que a pandemia de COVID-19 chegou, trazendo com ela o isolamento, o medo e a incerteza. A princípio esse acaso gerou um impulso à invenção, que encontrava no gesto artístico uma maneira de expressar aflições e minimizar o mal-estar do isolamento social. Com o tempo, esse fazer artístico foi perdendo o efeito e deixando de fazer sentido — o que antes era abrigo se tornava uma prisão (figura 27).



*Diário e quarentena:
às vezes eu mal caibo em mim
Acho que é o cansaço*

Figura 27. *um dia rio*. 2020. Nanquim, caneta esferográfica e grafite vermelho. 21x21cm. Acervo do autor.

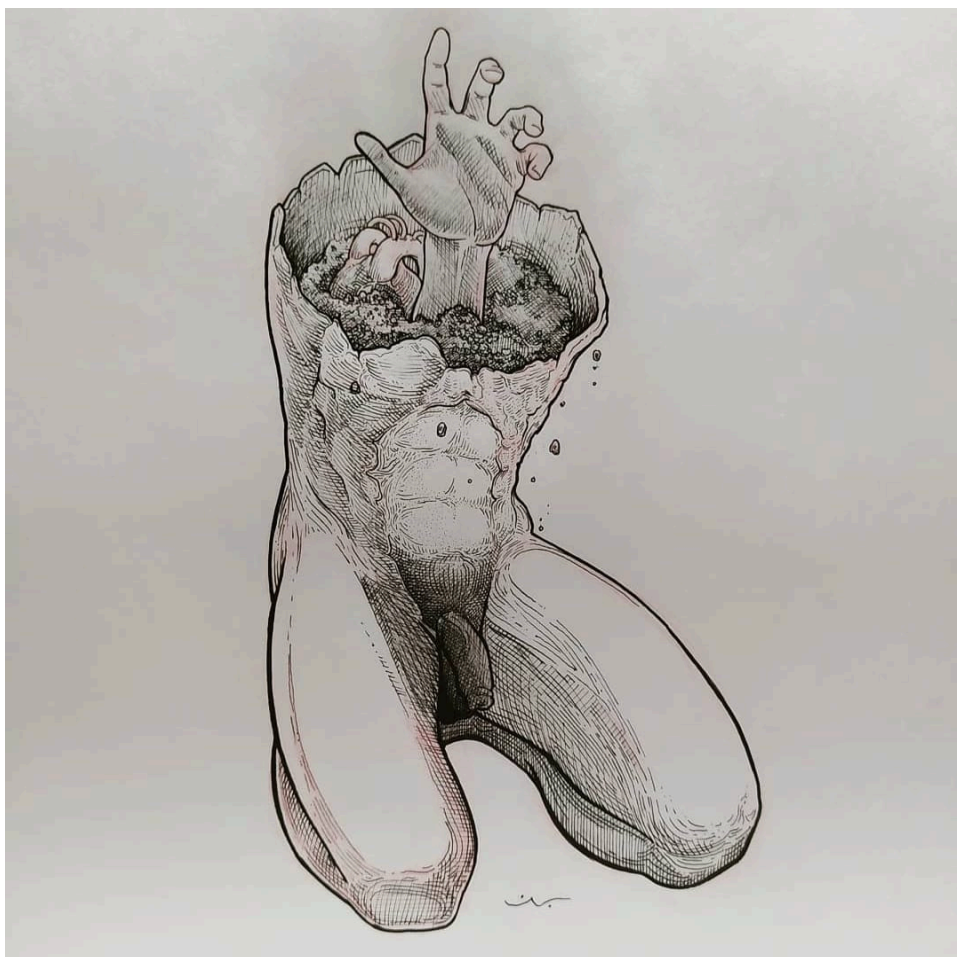


Figura 28. *afundado em si*. 2020. Nanquim e grafite vermelho. 21x21cm. Acervo do autor.

As ideias de **imagem-movimento** (Deleuze, 2006, p.48), me levam à compreensão de que a imagem só aparece verdadeiramente quando há fricção, quando algo nos desestabiliza. Assim a fricção pandêmica despertou o colapso mental e o bloqueio criativo: não apagou a potência das imagens, mas me colocou diante de seus destroços. Nero, que antes era impulso e invenção, tornou-se cinza — a sombra de uma energia criativa paralisada.

Num contexto de estímulos audiovisuais ainda mais acessíveis, as imagens que antes me moviam se tornaram ruídos distantes que me dispersaram. Da dispersão do momento surgiu um resultado: um eu apático, exausto, silencioso. Filmes, jogos, músicas, desenhos — ou qualquer outra manifestação cultural — perdiam a graça. Evaldo, Neto e Nero pareciam desmoronar em mim (figura 28).

O tempo passou, criando um vácuo existencial que me levou, em 2020, à psicoterapia. A partir dela surge a **um novo olhar para si**, resultando em um processo de ressignificação de afetos — sentimentos, medos, relações e traumas —, permitindo que Evaldo, Neto e Nero coexistissem de forma menos conflituosa. A multiplicidade deixou de ser sintoma e tornou-se potência, como sugere Deleuze quando fala da identidade como rizoma: algo que se expande em várias direções (Zourabichvili, 2024, p.51.)

Como diz um provérbio português: “não há bem que sempre dure, nem mal que nunca acabe”. 2020 marcou, assim, o início de uma reorganização simbólica e o avanço da vacinação contra a COVID-19. Com isso, a inserção no curso de Artes

Visuais se tornou uma possibilidade — e uma realidade no ano seguinte — trazendo com ele a oportunidade de reconstruir minha relação com a criação.



*Pois tudo na vida é passageiro
até mesmo a dor e o medo.
Te aquieta que nada é pra já
Vai passar (?).*

Figura 29. *vai passar?* 2020. Nanquim, e lápis de cor sobre papel. 10x10cm. Acervo do autor.

3.1. Um novo curso

Minha relação com a arte era antiga, mas o ingresso no curso — ainda mais em meio à pandemia — me proporcionou a ressignificação dessa relação. Foi como sugere Cecilia Salles (1998, p.33-34): o processo criativo não é uma linha reta, mas uma rede que se reconstrói a cada desvio. O contato com professores, artistas, referências e práticas abriu caminhos a desvios inesperados, reintegrando ética, estética e afetos.

Nesse contexto de novas dúvidas, ressignificações e incertezas, o “Nero” permaneceu como nome artístico e, diante da possibilidade de explorar seus limites e expandi-los através do curso de Artes Visuais, Evaldo, Neto e as demais versões de mim foram juntos na bagagem, em uma jornada em busca de transformar suas diferenças em combustível criativo, se tornando matéria-prima do que um dia viria a ser o *nerologismo* — que até então sequer existia como termo.

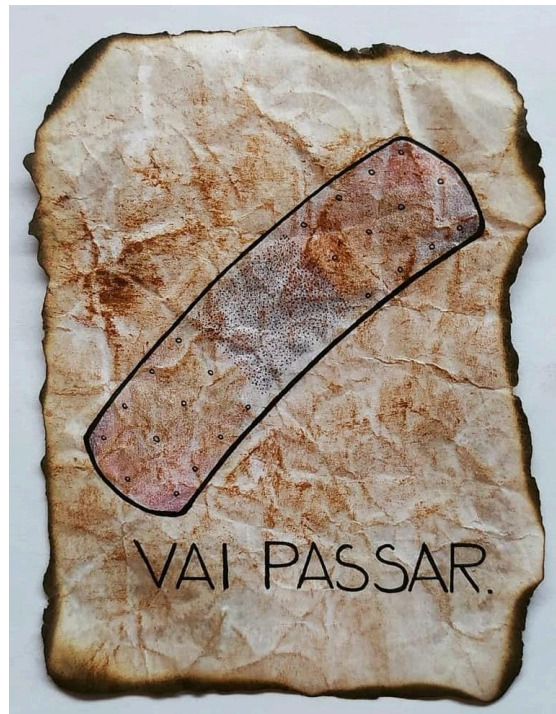
Logo de cara a graduação me ofereceu estímulos e desvios que despertaram uma efervescência criativa gigantesca e um olhar crítico e reflexivo sobre meus processos, se desdobrando na possibilidade de reencontros com interesses antigos. Se no meu histórico eu carregava uma longa jornada de busca por identificação através do nome, agora eu me via diante de uma **busca por compreensão do meu fazer artístico** e, conseqüentemente, da minha relação com isso — um caminho que revelaria o próprio caminhar como combustível.

Essa busca — subsidiada pelas disciplinas de desenho, tridimensional e poéticas visuais — me levou a revisitar produções antigas, revelando que o que antes parecia um fazer intuitivo, disperso e não sistematizado, se tratava de uma prática recorrente marcada por lógicas e características que se repetiam — independentemente do suporte, técnica ou tema — evidenciando que o ponto de interseção que atravessava minhas obras era a busca pela expressão dos sentimentos internalizados, utilizando de símbolos e simbologias.

Esses símbolos aparecem de diversas formas — figurativas, abstratas, textuais, líricas, entre outros — e entre corações, olhos, mãos, cicatrizes, curativos, gritos e distorções, identifiquei que não são elementos aleatórios. Carregam sentidos ocultos, histórias não verbalizadas, atravessamentos emocionais e subjetividades que se revelam na escolha dos materiais, nos gestos e nas composições conceituais e visuais.

Em síntese, os desenhos produzidos antes da inserção no curso de artes visuais eram a consequência gestual de um embate interno entre razão e emoção, e apesar de autorias e atravessados por uma busca por originalidade — que não se apoiava propositalmente em referências externas —, acabavam sempre se aproximando de alguma referência visual, conceitual, teórica ou simbólica preexistente, como do próprio embate entre *razão* e *emoção*, por exemplo, que já é antigo dentro da filosofia clássica.

Apesar de reveladora, essa constatação me levou a novas experimentações e reflexões que, através da identificação de repetições de signos apropriados, reforçaram a ideia de retorno, que se manifestava a partir de vícios, manias, e repetições inconscientes, ou, talvez, como pistas deixadas pelo próprio processo criativo — que fala comigo quando ainda não sei exatamente como escutá-lo, nem o que ele deseja dizer.



*Vai passar?
Sim. Passa... e retorna
deixando algumas marcas*

Figura 30. *vai passar*. 2022. Nanquim e lápis de cor sobre papel sujo e queimado. 10x10cm? Acervo do autor.

3.2. Primeiros passos

O curso de Artes Visuais me levou a novos passos, me trouxe subsídios técnicos e teóricos — expandindo meu referencial artístico e olhar crítico — e assim os questionamentos e dúvidas a respeito do meu processo criativo desencadearam diversos retornos — alguns agradáveis, outros nem tanto.

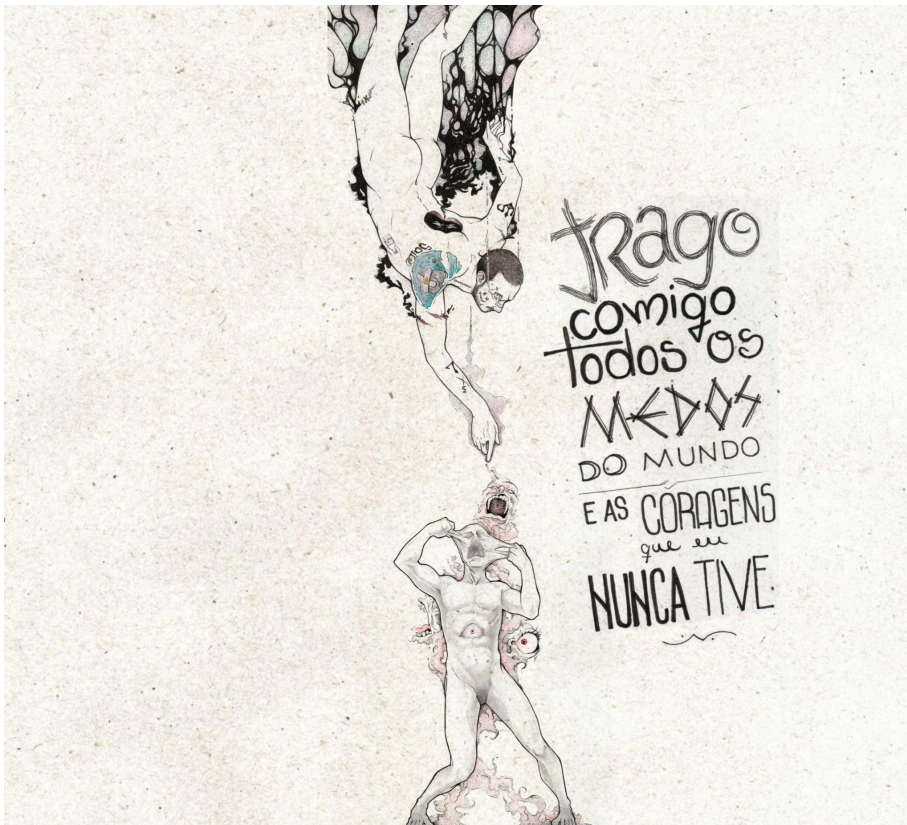


Figura 31.
m'eu dos. 2022
Colagem digital.
21x29,7cm
Acervo do autor.

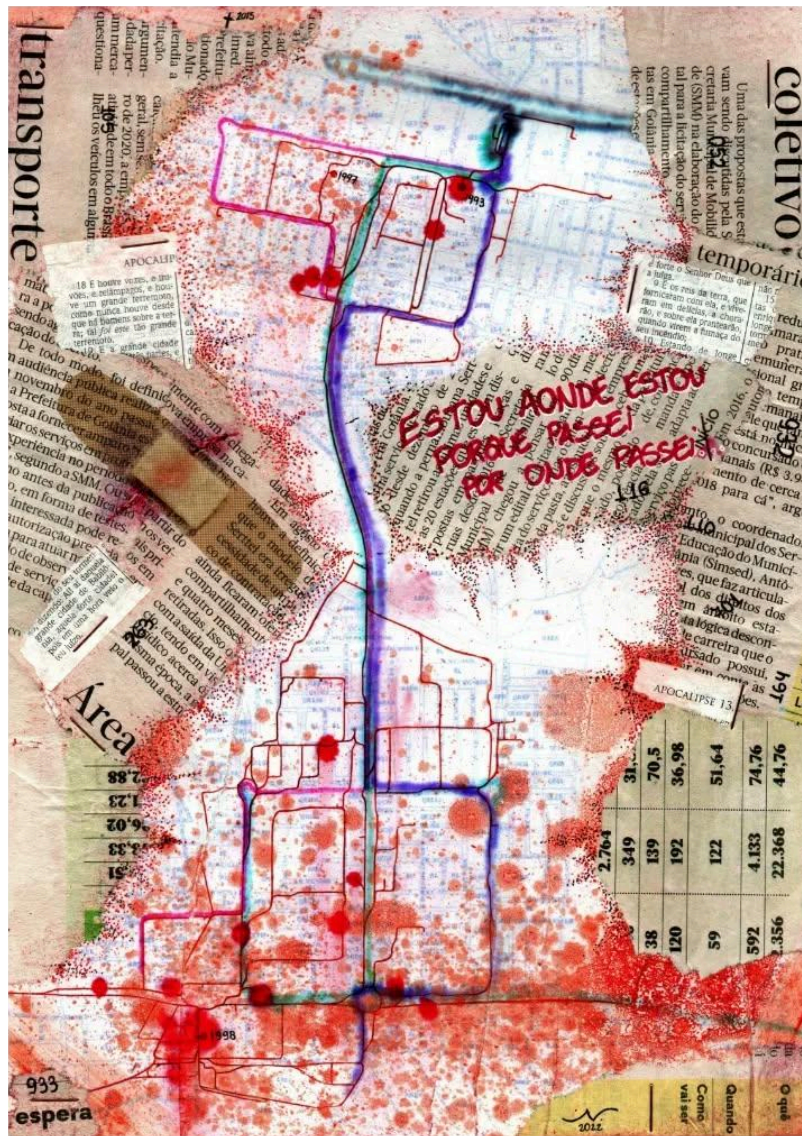


Figura 32. *c'aminhador*. 2022. colagem bidimensional. 21x29,7cm. Acervo do autor.

Devido à pandemia e à questões do calendário acadêmico, os primeiros períodos de faculdade foram mais curtos e acelerados. Embora as disciplinas estimulassem a produção artística, o ensino a distância em um cenário pandêmico fragmentava a imersão. Com a chegada do regime semi-presencial, a imersão parecia mais real, mas as marcas emocionais deixadas pela pandemia influenciavam negativamente na absorção dos estímulos.

Os primeiros períodos já demonstraram na prática que cada disciplina exigiria uma atenção específica e cada trabalho necessitaria de um cuidado especial. E entre trabalhos práticos, teóricos, seminários e experimentações com técnicas e suportes diversos, foi surgindo a ânsia do desempenho e da produtividade e a fadiga criativa de continuar trazendo inquietações emocionais como tema de minhas produções.

Com isso foi surgindo o cansaço e uma necessidade de encontrar um método de otimizar meus processos, e em consequência disso algumas ferramentas foram resgatadas para dentro do meu processo artístico. Os programas de edição de texto e imagem, que até então eram usados apenas para diagramação de apresentações e produção de textos teóricos, passaram a ser experimentados em minhas produções. Trabalhos antigos, fotografias, rascunhos e textos reaproveitados passaram a fazer parte dos novos trabalhos propostos em sala de aula. A princípio isso parecia uma manobra contra um cansaço, mas reforçou uma característica muito cara às minhas obras: os retornos.

Esse percurso me levou a revisitar produções autorais, interesses culturais e memórias afetivas, revivendo e revigorando a relação entre meu fazer artístico e as figuras de linguagem — principalmente a metáfora, catacrese, eufemismo, personificação — e os trocadilhos, já que frequentemente esses recursos atravessavam meus processos criativos e traduzidos em forma de imagem.

O interesse por esses recursos me levou ao **neologismo** que, segundo Ronaldo de Oliveira Batista (2011, p. 63), “se classificam como processos produtivos de formação de palavras, reveladores, muitas vezes, de transformações de caráter sociocultural, caracterizadoras da relação íntima que existe entre o léxico e os fatores externos à língua”. Diante disso, o **neologismo** se estabeleceu em meus processos como um desdobramento natural dos trocadilhos, atuando como um gatilho conceitual que validava meus esforços de expressar e ressignificar afetos através do fazer artístico.

Em consequência a isso o conceito de “**neologismo poético**” apareceu em minhas reflexões como uma tentativa de correlacionar minha produção autoral aos neologismos e trocadilhos, e dar nome aos meus processos criativos. Embora inicialmente parecesse uma formulação inédita, era um termo que já existia dentro da linguística, sendo entendido como uma construção linguística nova, criado no contexto de uma obra poética, geralmente com intenção estética, simbólica, sonora ou expressiva. Em outras palavras, é um neologismo que surge no campo da poesia.

3.3. Nerologismos

Na busca de dar nome às coisas, o neologismo poético acabou ficando para trás, enquanto as experimentações com ferramentas seguiam trazendo desdobramentos, e foi em um deles que o **Nerologismos**, com “s”, deu as caras pela primeira vez, não como um termo que denominaria todo o meu campo criativo, mas como um trocadilho entre meu nome artístico, "Nero", e a palavra "neologismos", que daria título ao “Nerologismos – sou muito do que sou e tudo do que crio” (apêndice A) — um zine experimental que reunia colagens digitais, autorretratos e trazendo o texto, legenda e nome das obras como parte da imagem.

Embora ainda distante do surgimento do conceito de nerologismo, o Nerologismos possibilitou o reencontro lúcido com os trocadilhos, abriu caminho para novas possibilidades criativas e estimulou um olhar investigativo a respeito da relação entre meus processos criativos e as palavras.

3.4. Cansaço

Diante das diversas possibilidades criativas, a fadiga ganhava proporções maiores, e o cansaço tomando forma, e as demandas acadêmicas iam o alimentando, transformando-o em exaustão.

Dessa sensação surgiu — no segundo período do curso — um pequeno desenho (figura 33), onde o cansaço de tentar ser produtivo o tempo todo aparecia não só como tema, mas como título e frase inserida no desenho. A partir daí o cansaço passou a ser uma questão, dando origem aos primeiros trabalhos explorando esse tema.



Figura 33. *tô cansado de tentar ser produtivo o tempo todo*. 2020.

Nanquim sobre papel sulfite 8x8cm. Acervo do autor.

Na primeira experimentação (figura 34), o cansaço vem expresso como palavra desconexa de qualquer desenho, aparecendo como uma escrita à mão em

um pequeno papel em branco. A princípio este seria apenas o primeiro gesto de um roteiro — um rascunho para algo maior —, mas um bloqueio criativo deixou a palavra isolada naquele pedaço.

Alguns questionamentos surgiram diante daquela palavra sobre aquele retalho de papel, e uma dúvida ia levando à outra: Até que ponto a palavra pode ser considerada imagem? Esse rascunho é esboço? É obra? Se é obra, como sei que está acabada? Existe obra inacabada? Ou toda obra é obra? E a palavra... Qual o poder imagético da palavra?

Desses questionamentos não surgiram respostas imediatas, mas sim estímulos para novas experimentações (figura 33 e 34) e um convite à outra revisita às minhas produções, sob o pretexto de identificar nelas características que fomentam essa relação entre palavra e imagem, entre obra acabada ou inacabada. Assim nasceu a série “ink.ompletos”, que trazia desenhos não finalizados, e um trabalho acadêmico prático-investigativo, onde a temática do cansaço era explorada sob diversas perspectivas.

“Ensaíos” (apêndice B) foi o nome dado a esse trabalho acadêmico, onde as produções autorais traziam o cansaço sob diversas perspectivas pessoais: O cansaço físico e intelectual, de tentar ser produtivo o tempo todo; o cansaço “artístico” da *sensação estar produzindo sempre as mesmas coisas*; o cansaço psicológico e sentimental, fruto do pensamento acelerado e do adoecimento mental.

Futuramente esse trabalho se desdobraria em novas experimentações que evidenciaram o que o cansaço não era apenas um tema atual e sim uma questão familiar que atravessa meus processos. Mais experimentos vieram, trazendo novos “ensaios sobre o cansaço” (figuras 35, 36 e 37), que depois foram reunidos em um zine de nome semelhante (apêndice C), uma deles (figura 37) me evidenciou que o cansaço não era apenas um tema atual e sim uma questão familiar que atravessa meus processos. Mais que um gatilho ou tema, ali o cansaço era gesto, sentimento e intenção, que juntos despertavam a sensação de que aquela palavra simbolizava algo que já vinha atravessando meus processos — silenciosamente.

A sensação provocou novos retornos, onde a revisita às produções reforçou o cansaço como questão constante em meus processos, onde ele constantemente aparecia através de simbologias que apresentavam a exaustão mental e o próprio cansaço físico gestual. Além disso revelou que, nas tentativas de superar o cansaço de tentar ser produtivo o tempo todo, uma busca por simplificação dos meus processos ia se tornando um método, onde os gestos iam ganhando velocidade, os símbolos iam se simplificando em palavras e os retornos se transformando em repetição.

cansaço



Figura 34. Ensaio sobre o *cansaço* #1. 2022. Palavra sobre papel. 21x21cm. Acervo do autor.

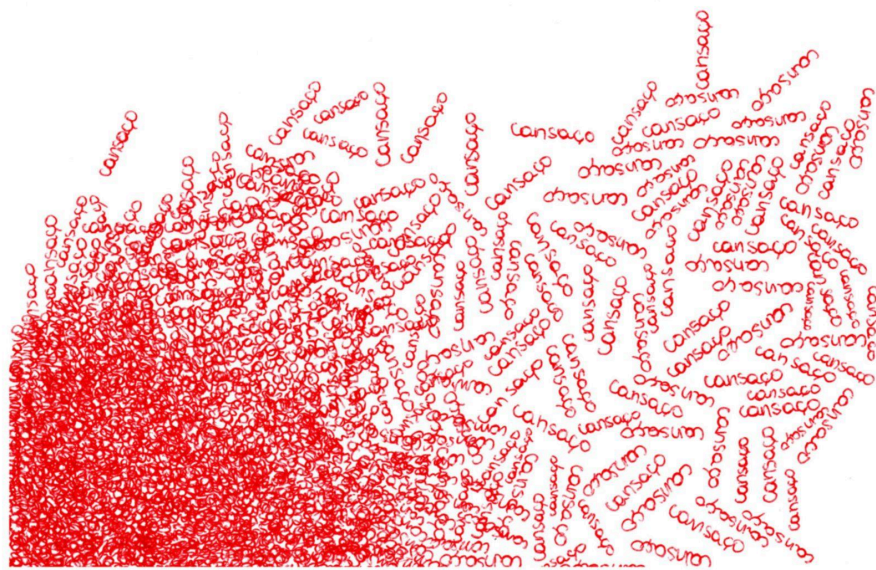


Figura 35. *ensaios sobre o cansaço 3#*. 2022. caneta esferográfica sobre papel. 21x21cm. Acervo do autor.

cansei de me sentir cansado sentado sozinho no canto do quarto nos cantos do espaço meu canto cansado consola sozinho meu curso esgotado casado com o caos que criei com meus cacos dos potes vazios em que guardei meus fatos meus fardos sozinho são meus aliados que são inimigos que garro e me agarro se tudo que tenho é só o que eu vivi se sobreviver me trouxe até aqui nesse lugar estranho onde não me encontro minha vida é um livro vazio de contos história narradas por um figurante que vive cansado a todo instante remando no tempo afogando no efêmero finjo ser artista pra fugir do tempo Temo o tempo todo e tremo no tempo tento tento tento todo o tempo trago tanto trapo, tristeza e tormento tranqueira tensão tesão e talvez talento tenho tanto tempo que fico sem tempo tentado tratar tudo a todo tempo tremendo e temendo até o que não tenho se tô no meu tempo é tic tac se quer perder tempo é tik tok tenho lá meus medos meus jeitos receios tudo organizado pelos meus tocs memória e cansaço é tudo o que eu tenho mas sempre me esqueço de onde venho e tentar lembrar é o que me faz seguir eu vivo cansado mas cheguei aqui mesmo assim



Figura 36. *asvezesnemrespiro*. 2022. desabafo sobre papel. Sem dimensões. Acervo do autor.

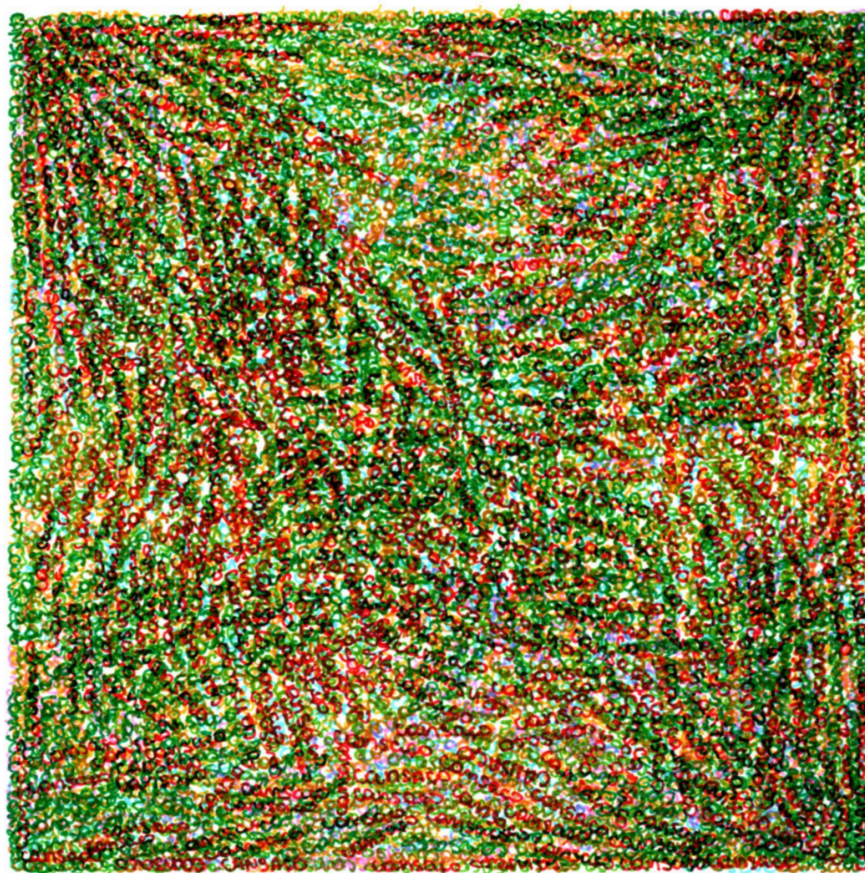


Figura 37. *ensaios sobre o cansaço*. 2023. 21x21cm. Caneta hidrográfica sobre papel. Acervo do autor.

3.5. Reencontro

Dentre tantos retornos, o cansaço psicológico ia dando as caras novamente, reforçado por um novo processo de agravamento de saúde mental em contexto de busca por um tema de TCC. A soma desses fatores me levou a um bloqueio criativo intenso, inédito, que deu origem a uma tentativa de distanciamento da minha própria poética — “período de fuga” — resultando em uma busca por temas mais leves.

AS CRÔNICAS DE NEURINHO - PARA BRISA

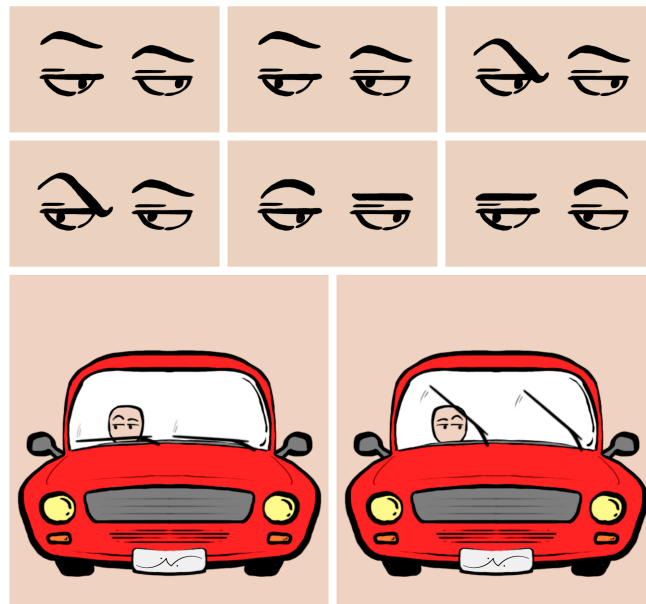


Figura 38. *as crônicas de neurinho*. 2023. ilustração digital. Acervo do autor.



Figura 39. Paulo Moreira. *mas até aí tudo bem*. 2020. ilustração digital. Fonte: Instagram.

Essa busca me levou ao Igor Guimarães, humorista paulistano, e ao Paulo Moreira, ilustrador e quadrinista paraibano, que trazem em suas redes sociais — @igorzismo e @paulomoreirap, respectivamente, no instagram — abordagens sobre situações cotidianas, utilizando um tom cômico e referências da cultura popular dos anos 90 e 2000 (figura 39). Essas referências me levaram a um resgate de memórias que pudessem ser retratadas de forma cômica. Fugindo dos suportes e técnicas do meu domínio, encontrei na pintura digital e nos quadrinhos (figura 38) a possibilidade de novas experimentações.

O passeio por essas memórias trouxe à tona os interesses e imagens do passado, despertando a nostalgia e um desejo ainda mais profundo por compreender a minha poética. As tirinhas ficaram pra trás dando lugar a novos olhares às antigas produções, às velhas memórias e a sensação de que eu não precisava de um recomeço, mas sim de um reencontro — e sensação de “estou onde estou porque passei por onde passei”.

E é contexto que o nerologismo decola.

Figura 40. passos. 2025.
Caminho sobre papel.
21x29,7cm. Acervo do autor.





Figura 41.
*estou onde estou porque
passei por onde passei.*
2024. Colagem digital.
21x29,7cm.
Acervo do autor.

4. -ISMOS.

-ismo: sufixo designador de conceitos abstratos e de ordem geral

Da fuga surgiu o reencontro; do reencontro veio o convite; do convite vieram novos passeios por lugares antigos — e com eles novos retornos e experimentações. Nessas novas idas e voltas aquilo que antes era apenas tentativa, intuição ou gesto disperso passou a adquirir forma, e o que era dificuldade se tornava matéria-prima, encontrando na criação uma maneira de se transformar e se ressignificar.

O adoecimento mental alimentava o cansaço, mas a força criativa o usava como combustível num caminho que me levava novamente às palavras — que começaram a se articular como uma espécie de sistema afetivo — revelando nelas uma potência de síntese simbólica que me levou a novas experimentações, usando-as como signo e unidade visual.

Se nas imagens digitais o pixel é essa unidade visual, nos ensaios sobre o cansaço a palavra cansaço é como um pixel. Nessa série a cansaço aparece como palavra, que se repete, formando massa, criando volumes (figura 42), gerando mais cansaço através do gesto e/ou revelando fragilidades na superfície do suporte — por vezes rompendo as superfícies através da repetição (figura 43).



Figura 42. Ensaio sobre o cansado. 2024. Nanquim e eu sobre papel. 21x29,7cm
Acervo do autor.

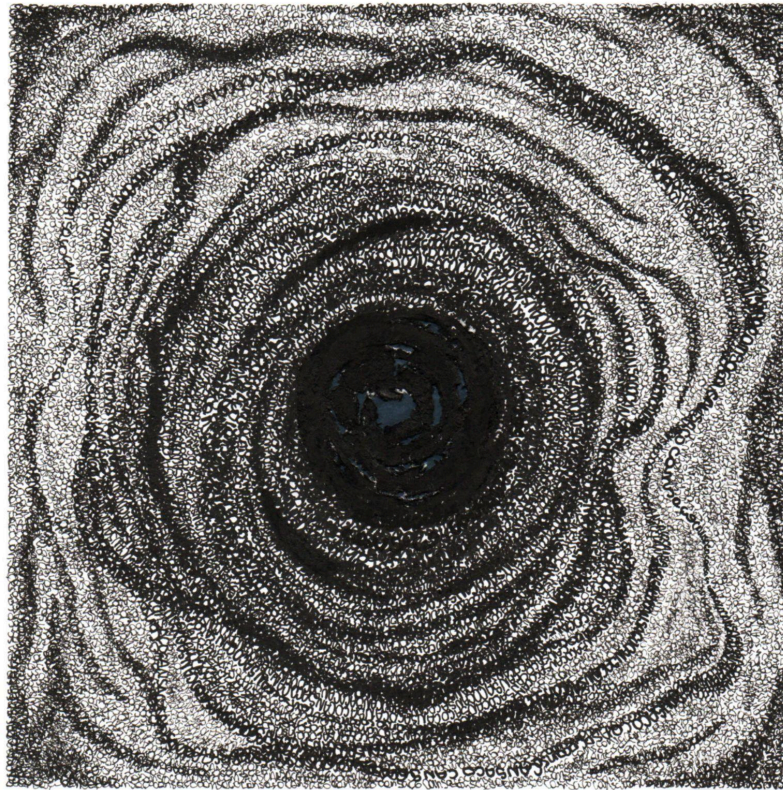


Figura 43. *Ensaio sobre o cansaço #6*. 2024.
Nanquim sobre papel cansado sobre papel laminado. 21x21cm. Acervo do autor.

Nesse processo a criação passou a funcionar como uma relação, um ponto de reconciliação entre meus eus, eu e o mundo, numa via múltipla, onde o encontro com o cansaço, através do gesto, produzia ecos que se traduziam em novos cansaços e novas experimentações.

Do retorno do cansaço — agora como consequência física e mental da repetição exagerada do gesto — vieram novas buscas por sua superação, me levando ao reencontro com os programas de edição de texto e imagem. A princípio o uso desses programas surgia como um meio de agilizar a produção de rascunhos que seriam base para novas produções com nanquim, canetas coloridas e papel, mas o que veio como um método de otimização de parte de um processo, se tornou o próprio processo e, por fim, as próprias obras — dando origem ao “ensaios com as palavras” (apêndice D). Uma coisa seguia levando à outra, retornando e reverberando. Assim do cansaço fui às palavras, das palavras ao digital, do digital fui às digitais, dos digitais retornei aos passos, de dos passos tornei às palavras.

Dessas experimentações surgiram poemas visuais (figuras 46, 45 e 46) que brincam com as palavras, suas letras, seus sons, e trazem uma forte aproximação com obras da poesia concreta — como as de Augusto de Campos (figuras 44 e 45) — e, a mim, a confirmação da potência imagética da palavra.

denso
denso
denso
benso
penso
penso
denso
denso
denso
benso
penso

Figura 47. *Ensaio sobre a ansiedade #8*. 2025.
poesia concreta?. Acervo do autor.

penso
senso
tenso
censo
denso
e só

Figura 46. *Ensaio sobre a ansiedade #9*. 2025.
poesia concreta?. Acervo do autor.



Figura 49. *digitais digitais*. 2025. Colagem digital. Acervo do autor.

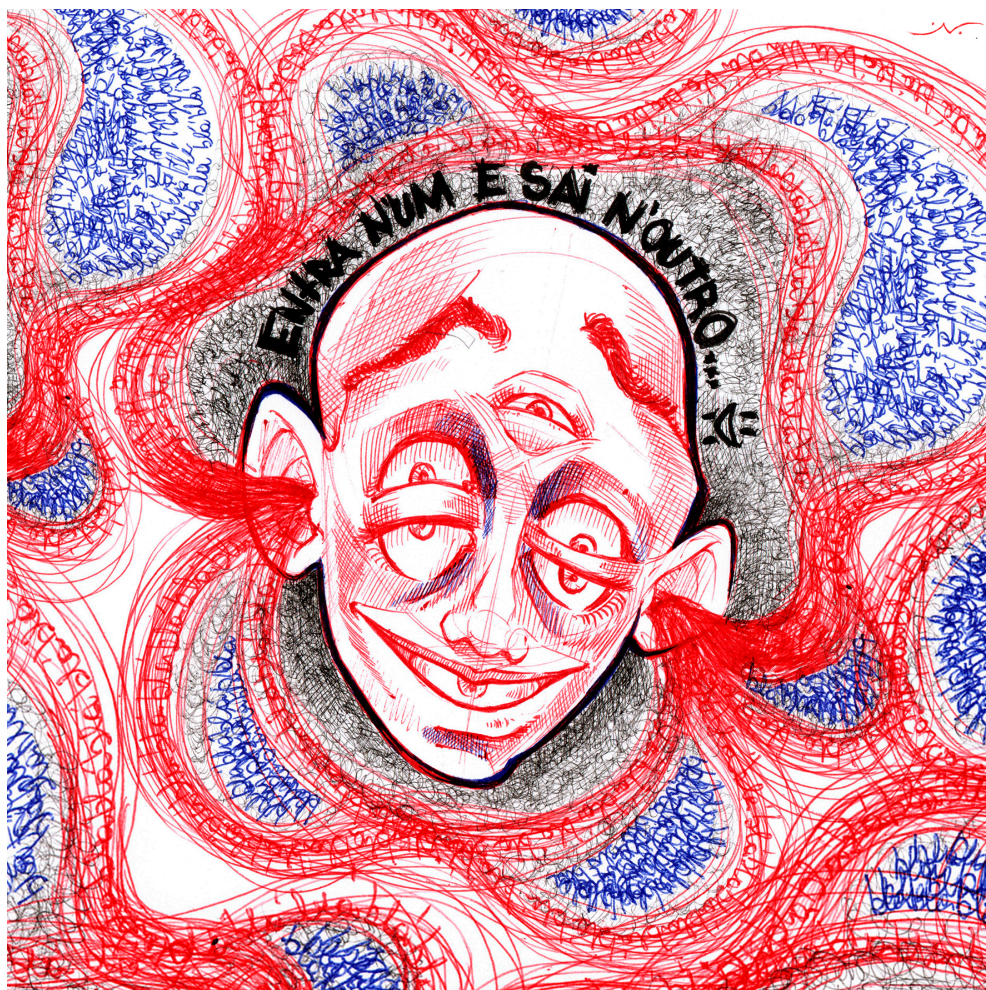


Figura 50. *blablaba*. 2024.

Colagem digital, nanquim, caneta esferográfica sobre papel. 15x15cm. Acervo do autor.

3.1. Merz

Diante de tantas palavras, me vi diante da necessidade de nomear aquilo que eu fazia — não por rigidez, mas por reconhecimento. Esse movimento vem não como uma mera busca por rótulos, mas como uma tentativa de compreender quem sou e dar sentido às repetições, fragmentos e gestos que formam o corpo do meu trabalho — uma forma de tradução entre o sentir e o pensar, entre o caso e o acaso, entre o eu e o mundo, o mundo e eu. Entre meus “eus” e eu.

Embora eu compreendesse o termo “poética” como *um conjunto de ideias, escolhas e métodos que definem a minha expressão individual e a produção artística, moldada por minha pesquisa, experiência e visão de mundo*, seu uso deliberado durante a graduação em artes o transformou em um meme: uma ideia tirada de contexto e reproduzida repetidamente, por vezes esvaziando seu significado original. Em outras palavras, “poética” não me parecia mais um termo potente o bastante para denominar meus processos artísticos.

O desafio de criar uma linguagem própria, de dizer com palavras o que ainda não pertence ao vocabulário comum, me levou a olhar a palavra como lugar passível de invenção e articulação dos sentidos. De encontro a esse pensamento, se consolidava em mim a necessidade de uma nova palavra que fosse capaz de nomear minha própria linguagem e todo esse campo criativo. Da ânsia em criar um novo termo, as brincadeiras com as palavras e sons retornam, me levando aos

trocadilhos e o neologismos — ne(r)ologismo — que conseqüentemente me leva de volta ao título da obra Nerologismos.

Essa consciência sobre o próprio fazer me aproxima da atitude de artistas que, ao longo da história da arte, buscaram compreender e nomear seus processos de criação. Um caso emblemático é o do artista alemão Kurt Schwitters (1887–1948), que se apropriou do termo *Merz* a partir de um fragmento de um folheto bancário — uma palavra nascida do acaso que acabou se tornando a essência de sua linguagem artística. Para Schwitters, *Merz* não era apenas uma obra ou técnica, mas uma forma de pensamento, um modo de reunir fragmentos do cotidiano e transformá-los em poética; era ele mesmo e uma “extensão” inseparável de si.

Assim como *Merz* — para Schwitters — o *nerologismo* ressurge para mim, não mais como obra ou zine mas sim como um neologismo capaz de nomear todo esse território criativo em constante expansão.

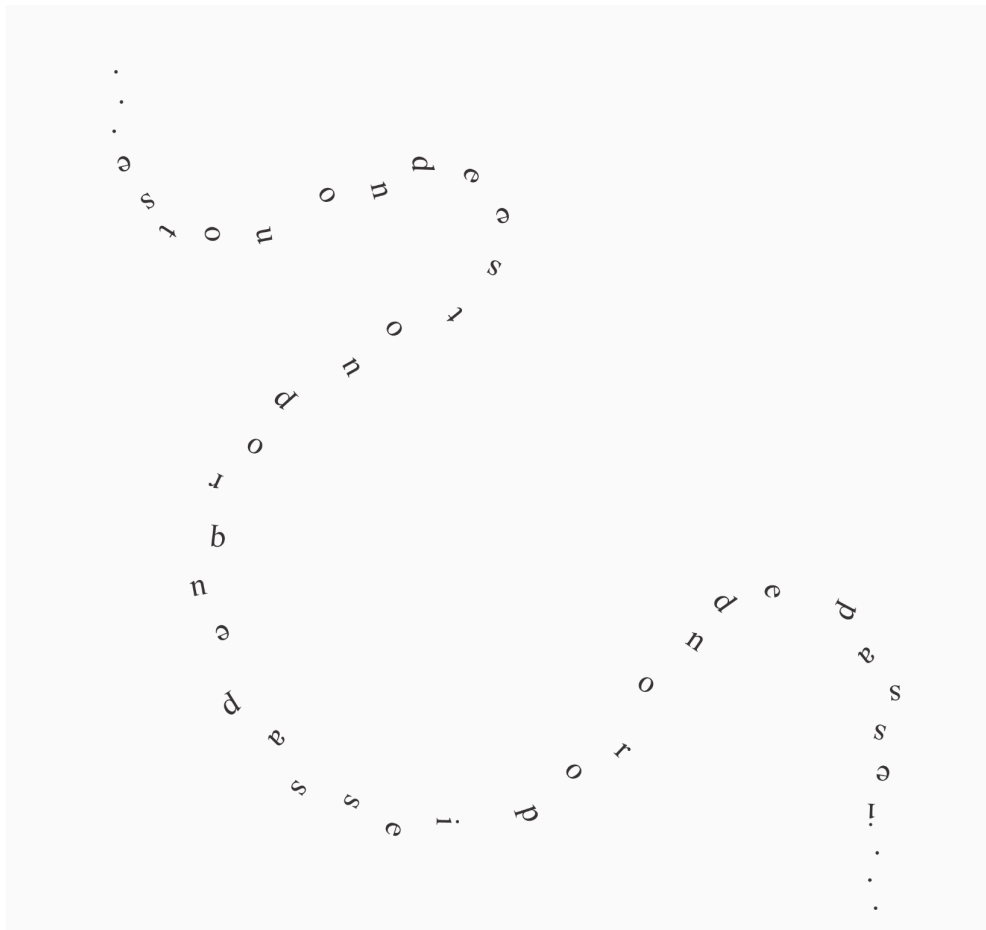


Figura 51. *Série: ensaio sobre os passos*. 2025. 21x21cm

Poesia visual. Acervo do autor.

E é nesse contexto que o nerologismo se encontra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar esta pesquisa não significa fechar o *nerologismo*, mas reconhecer sua natureza contínua — um campo em expansão, sempre atravessado por sobrevivências, lampejos e retornos. O *nerologismo* não se resolve; ele se desdobra. Ele pulsa como um organismo vivo, constituído por memória, afeto, cultura e linguagem.

Nessa trajetória, compreendo que criar é sempre se reelaborar, se abrir aos retornos, abrindo mão de certezas e abraçar as possibilidades. O *nerologismo* me dá apoio simbólico rumo ao horizonte do provável e permite que eu escute minhas fissuras, dobras internas, imagens insistentes e ecos, me reconectando à mim — através de uma espécie de anamnese aplicada ao campo das artes visuais. A arte, nesse sentido, aparece como campo ético e sensível, onde posso pensar-me enquanto faço — e fazer-me enquanto penso, e refazer-me enquanto faço.

Ao longo deste percurso, percebi que minha poética não nasce da estabilidade, mas da inquietação, que me levam a revisitar memórias num retorno onde elas não voltam intactas. Assim também é meu processo: feito de cansaços, humores, nostalgias e pequenas epifanias cotidianas, que se tornam matéria para desenhos, palavras, imagens simbólicas e experimentações com tudo o que trago na mala.

Assumindo sua instabilidade, o *nerologismo* também opera como um antidogma — flexível, tem seus alinhamentos e achismos mas, diante do horizonte

das possibilidades, se vê longe de verdades absolutas. Sendo assim, o nerologismo conserva, mas também desorganiza. Ele acolhe o erro, o acaso, o improvisado e transforma isso em método, em linguagem, em expressão. Nesse sentido, aproxima-se de Schwitters e de sua lógica Merz: reunir fragmentos do mundo para inscrevê-los em novas constelações. Passeia pela filosofia, sociologia, psicologia e todas as “ias” que o raso me permite navegar, e retorna com “ismos” que encontram na arte maneiras de se manifestar.

Assumir essa prática como poética é aceitar a vulnerabilidade das emoções, a fragmentação do cotidiano, a potência da cultura visual que me atravessa e as vibrações que as relações entre elas produzem. E é justamente nessa vibração — entre afeto e racionalidade, entre memória e invenção — que reafirma o nerologismo como processo criativo um campo aberto-caótico-contido, movido por equívocos, contradições, crises, retornos e reorganizações. Funcionam não como um bioma cercado por muros, mas sim como nuvens que se sobrepõem, adensam, dispersam e se expandem no horizonte das possibilidades e retornam ao seu centro, para então se expandir de novo.

Retomando à Cecília Salles, “as tendências poéticas vão se definindo ao longo do percurso: são leis em estado de construção e transformação” (Salles, 1998, p.40). Criar é instaurar relações, e o nerologismo se coloca como uma dessas relações: entre o íntimo — quando olha pra dentro de si — e o coletivo — quando compreende que o contexto é um via de mãos múltiplas que atravessam o individual

enquanto o individual a atravessa — , entre o visível — o que faço — e o sensível — o que penso —, entre aquilo que se lembra, que supostamente se lembra, entre o esquecido e o que ainda está por vir. Assim como esse bioma, a arte é território de respiração, de reflexão e de reinvenção e o processo criativo é uma rede em constante metamorfose.

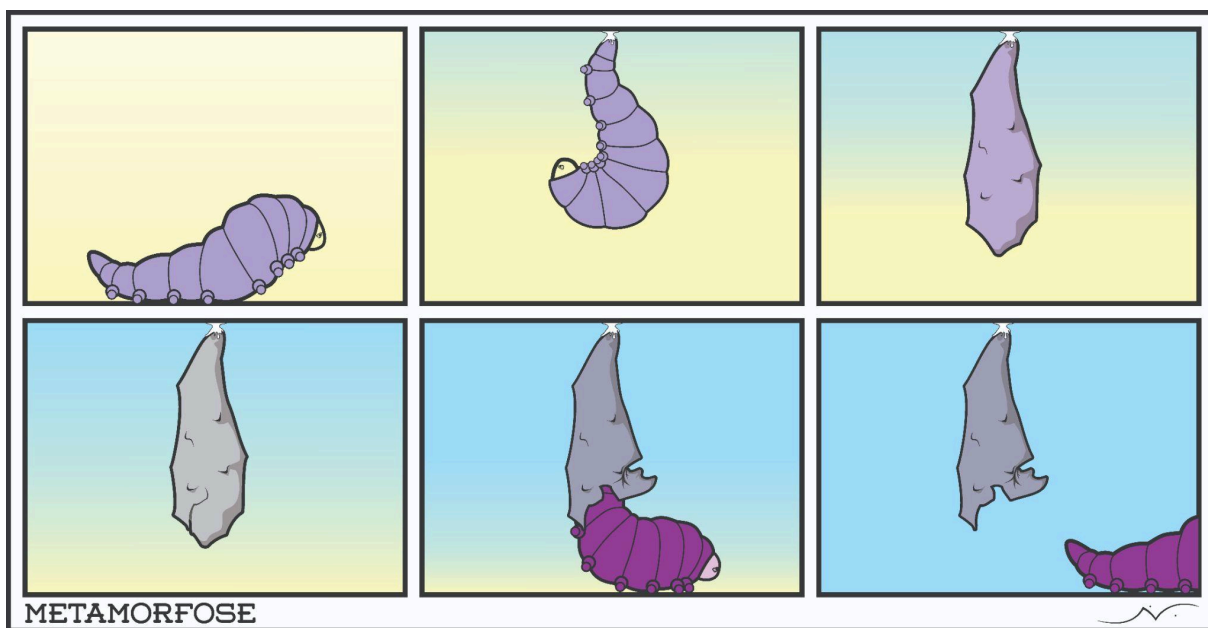


Figura 52. Metamorfose. 2017. Ilustração digital. Acervo do autor.

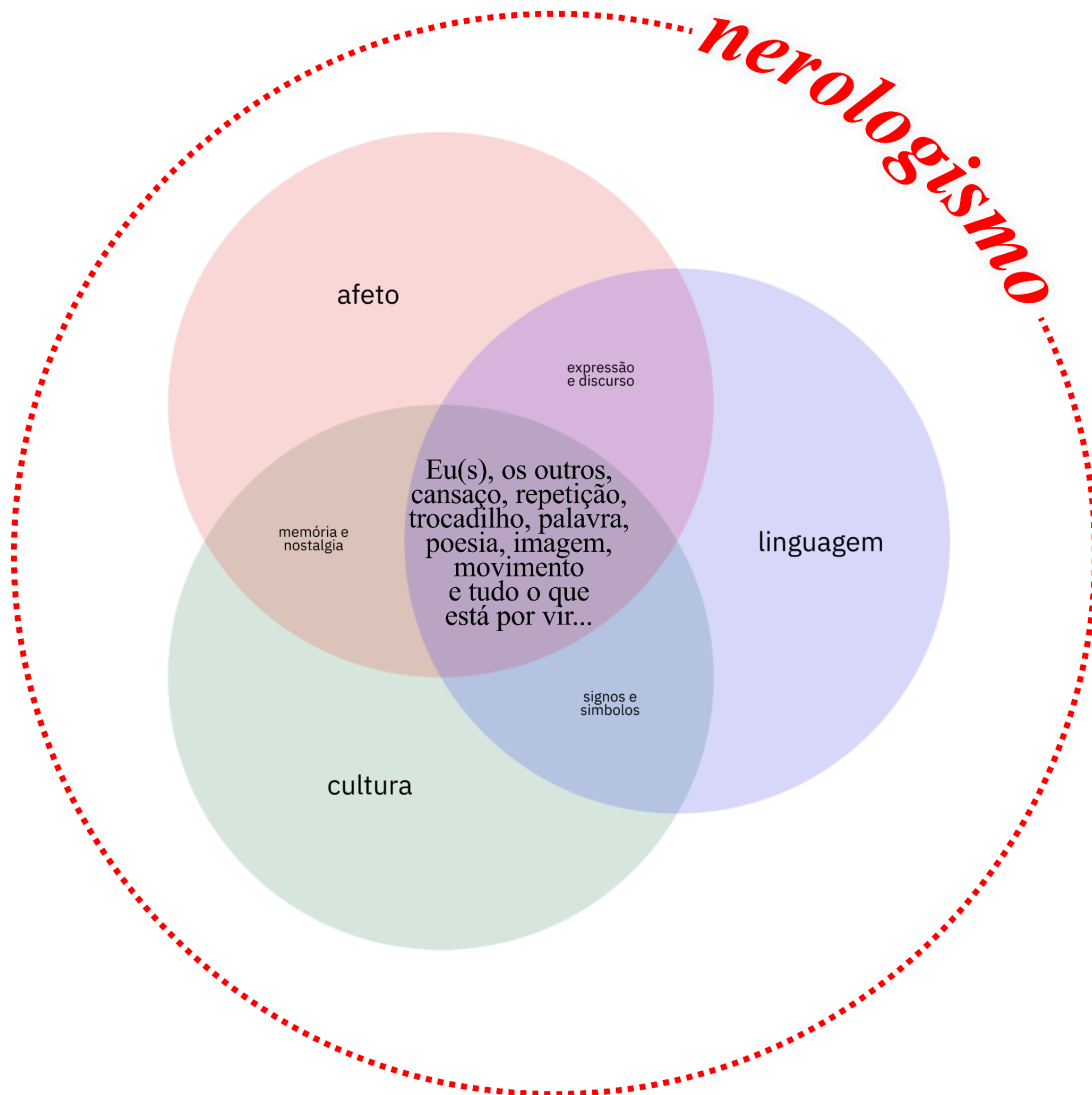


Figura 53. Mapa visual 4: nerologismo. 2025. Acervo do autor.

E é com essa pesquisa que o *nerologismo* me convida a novos passos: a buscar aprofundamento teórico e encontrar artistas que caminhem comigo nessa jornada de expansão identitária, criativa, artística e existencial através da constante revisão e provocação do processo criativo — do *nerologismo*, no meu caso. Os primeiros ecos já estão chegando — pois o *tempo*, *memes*, *arteterapia* já tem se tornado tema-desdobramento do trocadilho e da repetição — e sei que muitos outros virão, afinal, se uma coisa leva à outra, futuramente em novos “ismos” virão.

Mergulhar no raso me levou a lugares profundos, então daqui pra frente é me jogar no alto mar. E assim reforço a conclusão de que o *nerologismo* não se conclui: ele convida. E assim te convido a dar seus passos, caminhar através do campo da criação, inventar suas próprias palavras e buscar seus “logismos”. Sair do raso e navegar pra, quem sabe, e assim como eu: traduzir em uma única palavra as palavras que inventei pra me (re)encontrar.



Figura 54. *Série: ensaio sobre os passos*. 2025. Poesia visual. Acervo do autor.

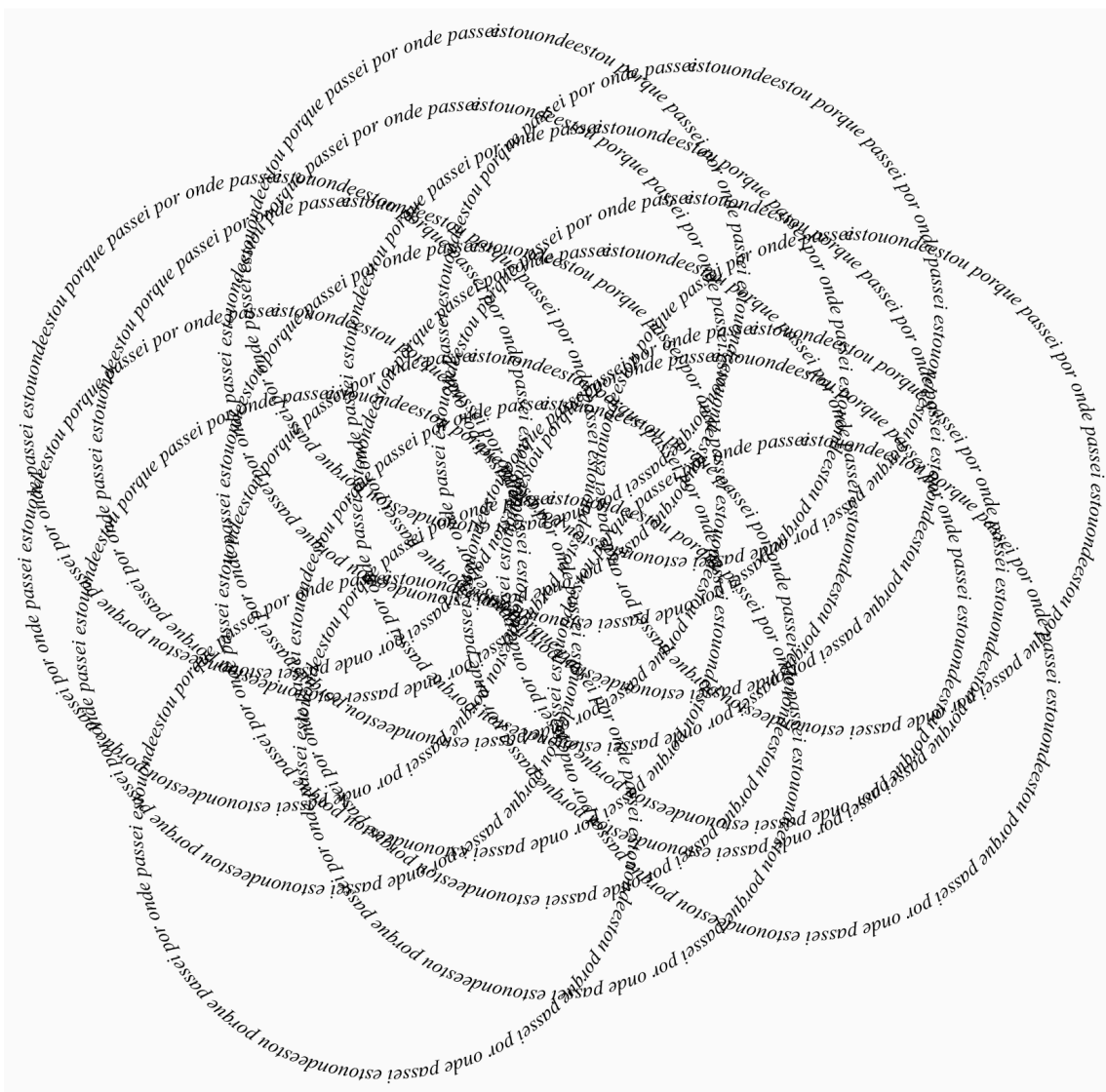
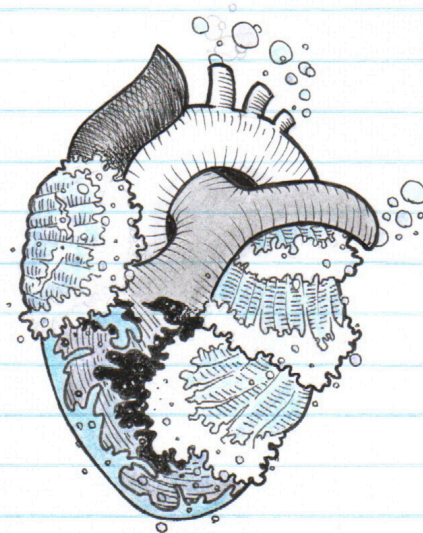


Figura 55. Série: ensaio sobre os passos. 2025. Poesia visual. Acervo do autor.



DEEP AND
TROUBLED

Figura 56. *nav.eu.gante*. 20??. nerologismo. Acervo do autor.

E o navegar continua...



Figura 57. *Sail!*. 20???. nerologismo. Sem tamanho. Acervo do autor.

(baseado na música Sail- Awolnation. 2011)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFETO, In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025: Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/afeto/>>. Acesso em: 06 out. 2025.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A palavra e a sentença**: estudo introdutório. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. p. 257-258.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero**: metodologia de pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 2002.

CAMPOS, Augusto. **Viva vaia**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável e outros ensaios**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969. (Coleção Debates).

CARRETER, Fernando Lázaro. **Diccionario de términos filológicos**. 3. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

CHAGAS, Viktor. **Da memética aos memes de internet**: uma revisão da literatura. Biblioteca Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. Disponível em: <<https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/download/119/113/115>>. Acesso em: 8 nov. 2025.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**: cinema 2. Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. Disponível em: <https://archive.org/details/DERRIDAJacquesMalDeArquivoUmaImpressoFreudiana_201605/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 28 out. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. Trad. Jorge Coli. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GERENCER, Paula Brazão; ROZESTRATEN, Artur Simões. **Constelações de imagens**: metáforas e ensaios. Domínios da Imagem, Londrina, v. 10, n. 19, p. 87-112, 2016.

LINGUAGEM, In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025: Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/linguagem/>>. Acesso em: 06 out. 2025.

PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto – **Crátilo**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973. Disponível em: <<http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/101>>. Acesso em: 17 nov. 2025.

PONGE, Francis. **Métodos**. Trad. Leda Tenório da Mota. Rio de Janeiro: Imagino Editora, 1997. (Coleção Lazuli).

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**: Semiose e autogeração. São Paulo: Artica, 1995. Disponível em:

<<https://laracoutouv20162.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/07/santaella-lc3bacia-teoria-geral-dos-signos.pdf>> Acesso em: 8 nov. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Trad. André Teles. Rede Humaniza SUS, 2004. Disponível em:

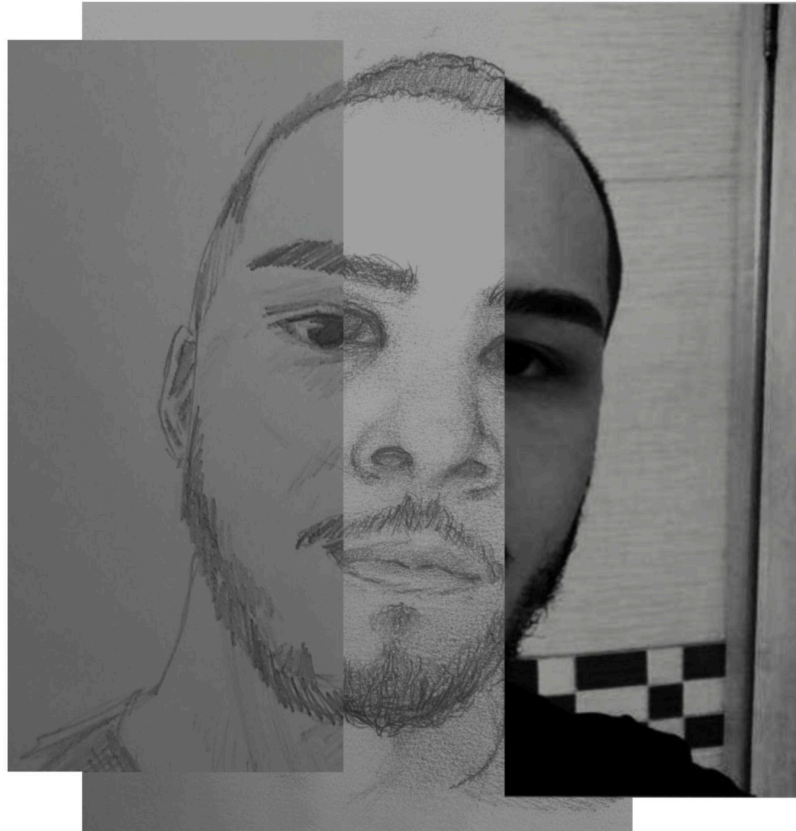
<<https://www.redehumanizasus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2025.

APÊNDICE A - NEROLOGISMOS: sou muito do que sou, e tudo do que crio

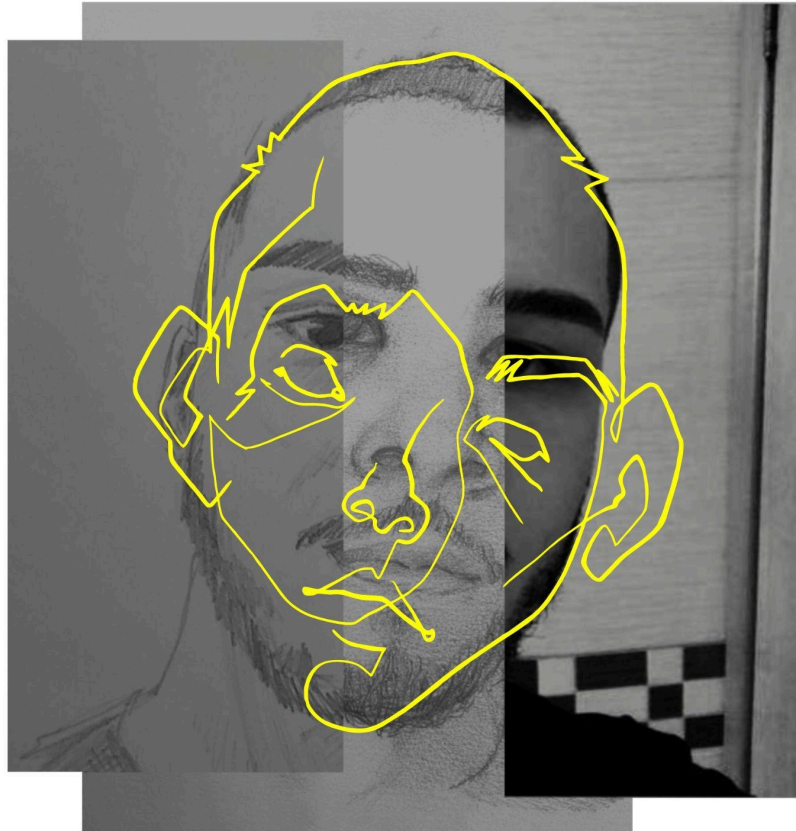
NEROLOGISMOS

SOU MUITO DO QUE SOU, E TUDO DO QUE CRIO.





FACES

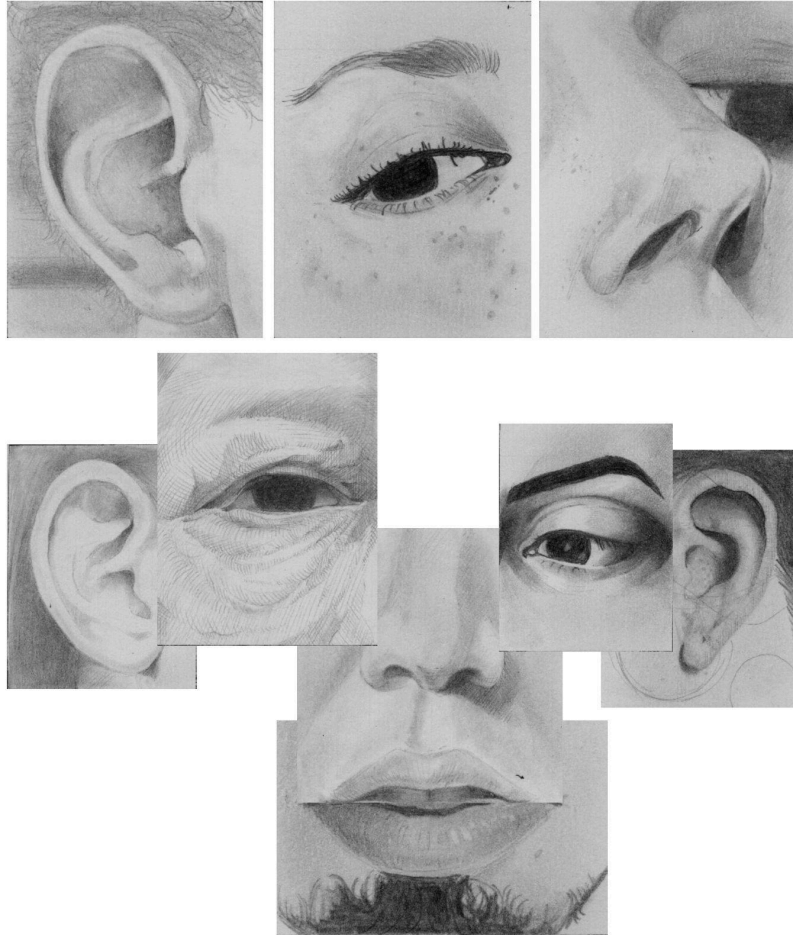


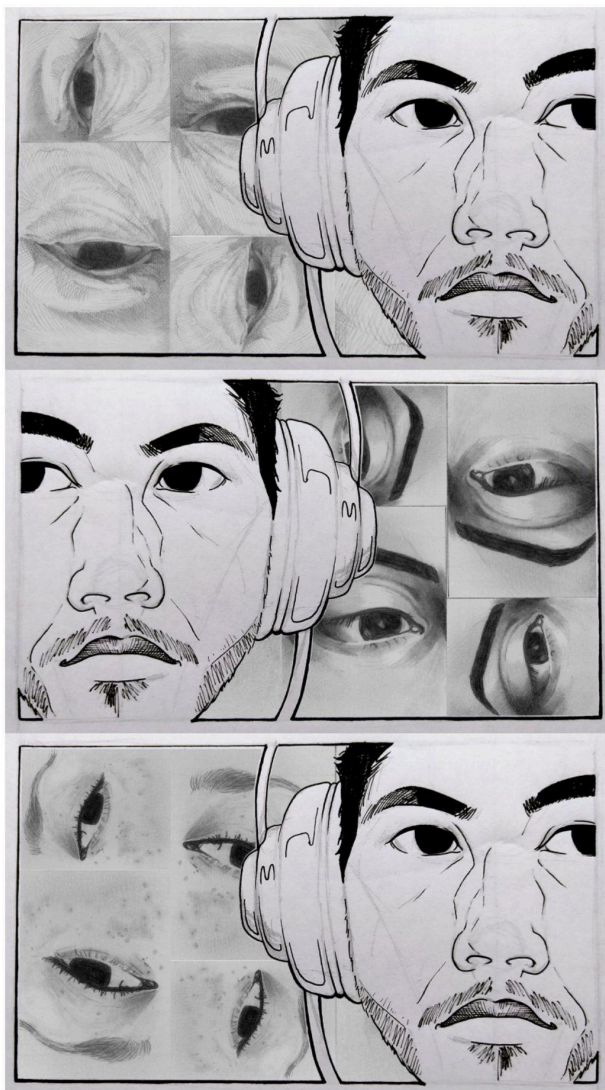
E FACES

DisFACES

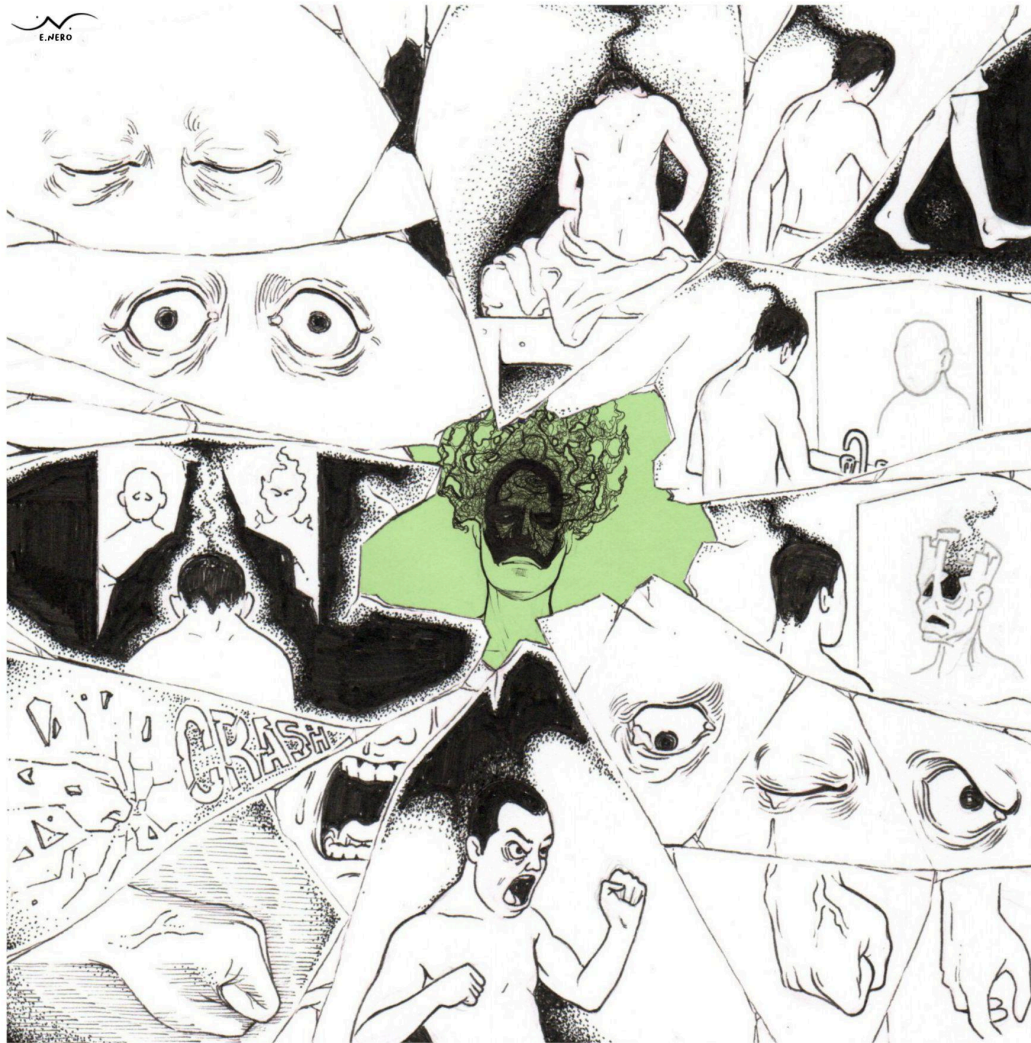


"DESFACE"





OLHARES
(OLHOS SOBRE TELA)



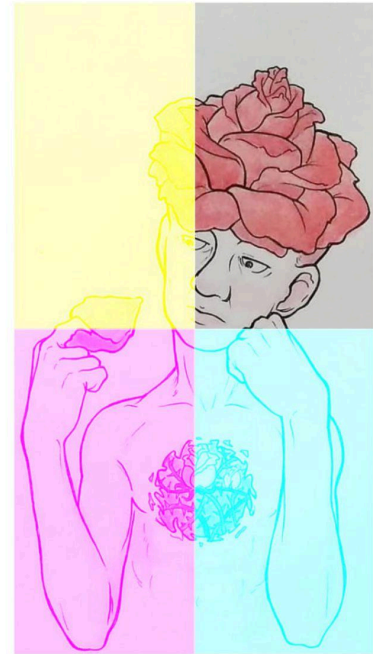
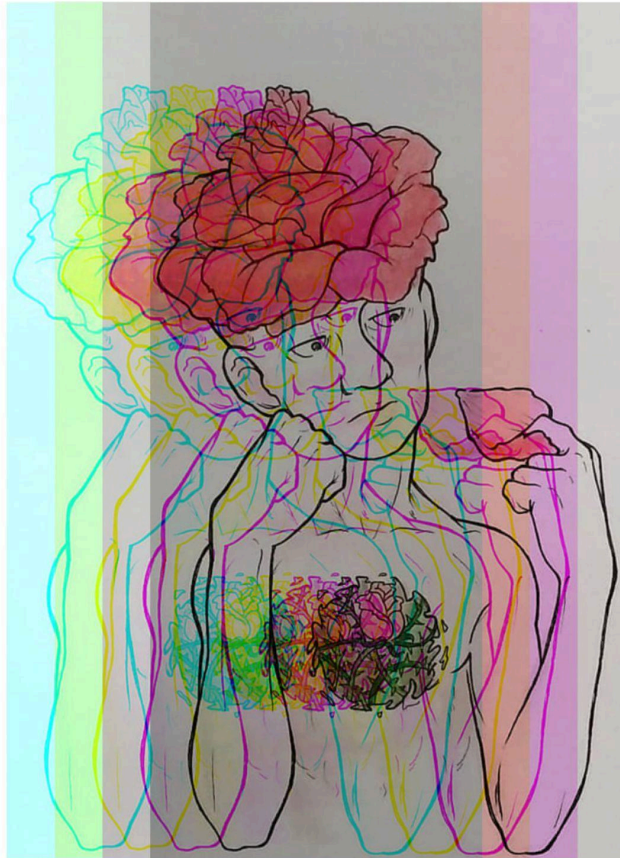
FRAGNETOS



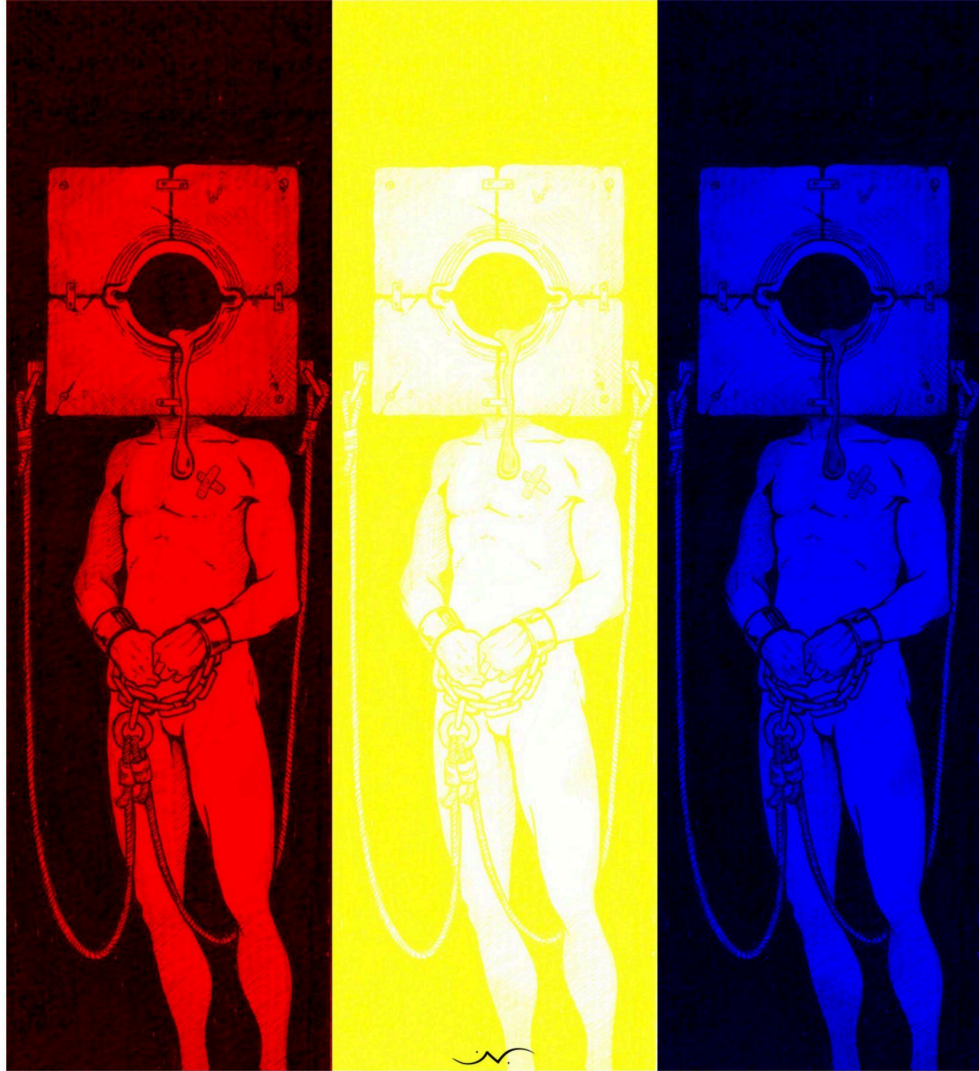


trago
comigo
todos os
MEDOS
DO MUNDO
E AS CORAGENS
que eu
NUNCA TIVE

M.EU.DOS



SER-ME O QUÊ?



PRISÕES PRIMÁRIAS

APÊNDICE B: ensaios

ensaios

CANSAÇO FÍSICO E INTELECTUAL



Tô cansado de tentar ser produtivo o tempo todo



Ato retrato

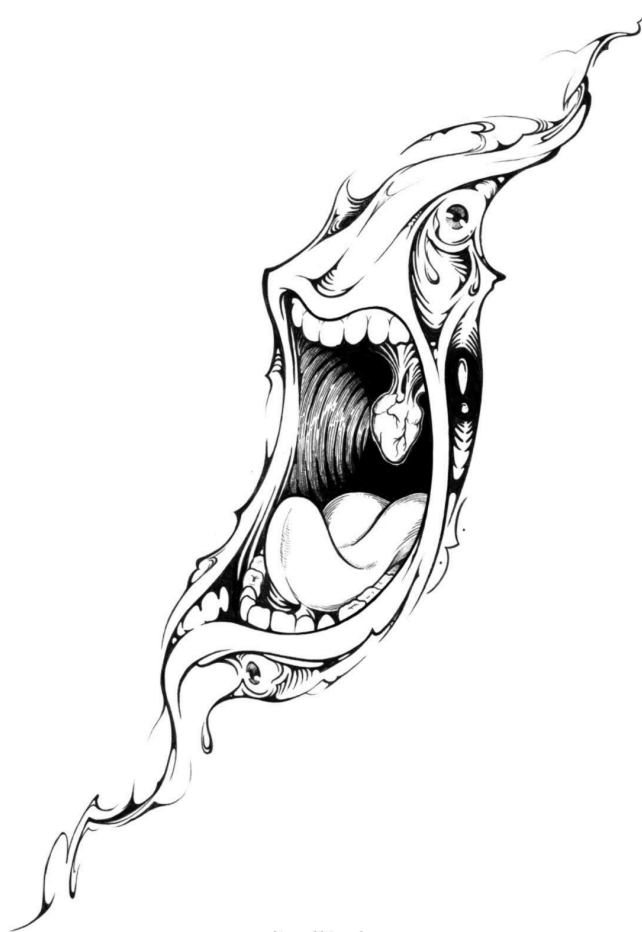


Questão 93 – Quando foi que isso se tornou um peso?



autorretrato do cansaço

CANSAÇO ARTÍSTICO



grito silencioso



incompletude



sufocação

PSICOLÓGICO E INTELECTUAL



sentimento no detalhe



anabiose

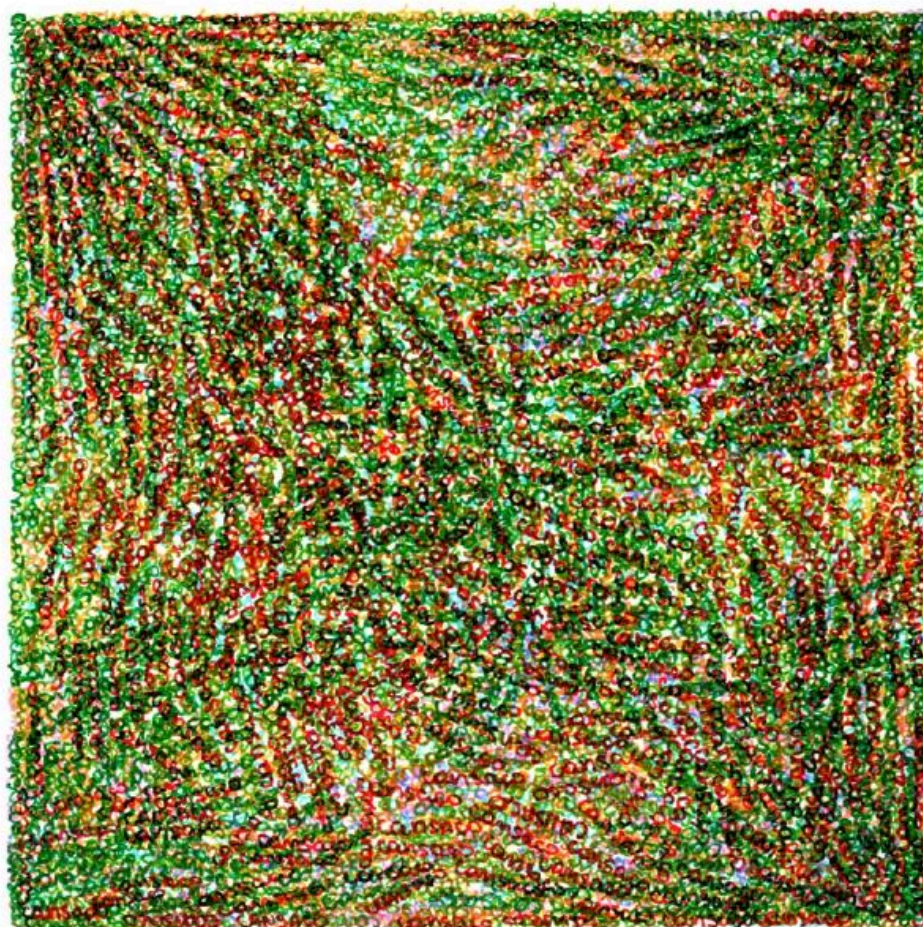


tangiveis

APÊNDICE C: ensaios sobre o cansaço

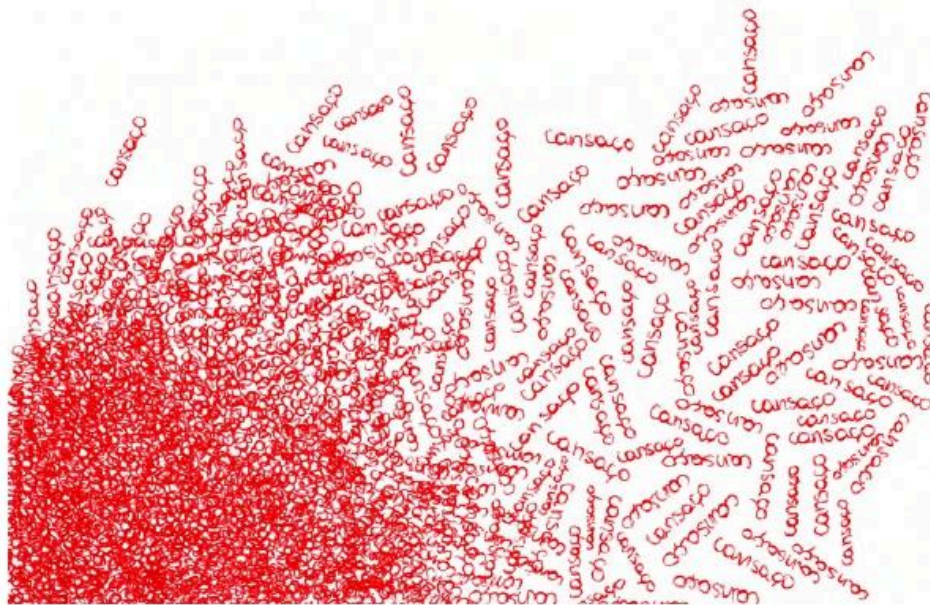
ensaios sobre o cansaço





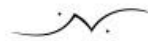
ensaio sobre o cansaço #5. 2022
Caneta hidrográfica sobre papel
21cm x 21 cm

ensaio sobre o cansaço #4. 2022
Caneta esferográfica sobre papel com pauta
7,5cm x 7,5 cm



ensaio sobre o cansaço #3. 2022
Caneta esferográfica sobre papel
21cm x 21 cm

canção...



ensaio sobre o cansaço #2. 2022
Nanquim sobre papel
21cm x 21 cm

Canisago



ensaio sobre o cansaço #1. 2022
Palavra sobre papel
21cm x 21 cm

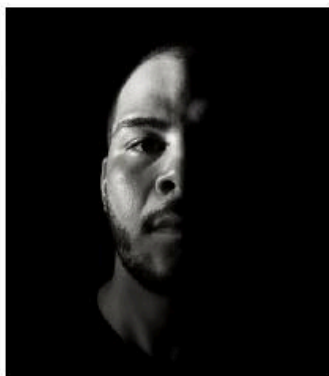


ensaio sobre o cansaço #0. 2022
Cansaço sobre papel
21cm x 21 cm

cansei de me sentir cansado sentado sozinho no canto do quarto nos cantos do espaço meu canto cansado consola sozinho meu curso esgotado casado com o caos que criei com meus cacos dos potes vazios em que guardei meus fatos meus fardos sozinho são meus aliados que são inimigos que garro e me agarro se tudo que tenho é só o que eu vivi se sobreviver me trouxe até aqui nesse lugar estranho onde não me encontro minha vida é um livro vazio de contos história narradas por um figurante que vive cansado a todo instante remando no tempo afogando no efêmero finjo ser artista pra fugir do tempo Temo o tempo todo e tremo no tempo tento tento todo o tempo trago tanto trapo, tristeza e tormento tranqueira tensão tesão e talvez talento tenho tanto tempo que fico sem tempo tentado tratar tudo a todo tempo tremendo e temendo até o que não tenho se tô no meu tempo é tic tac se quer perder tempo é tik tok tenho lá meus medos meus jeitos receios tudo organizado pelos meus tocs memória e cansação é tudo o que eu tenho mas sempre me esqueço de onde venho e tentar lembrar é o que me faz seguir eu vivo cansado mas cheguei aqui mesmo assim



asvezesnemrespiro. 2022
desabafo sobre papel
Sem dimensões



Evaldo Fernandes de Queiroz Neto, ou, simplesmente, Nero. Estudantes de Artes Visuais, bacharelado, na Universidade Federal de Goiás. Ilustrador, desenhista e um pouquinho de muitas coisas.

instagram: @e.nero

APÊNDICE D: ensaios com as palavras

ensaios
com as palavras



passos

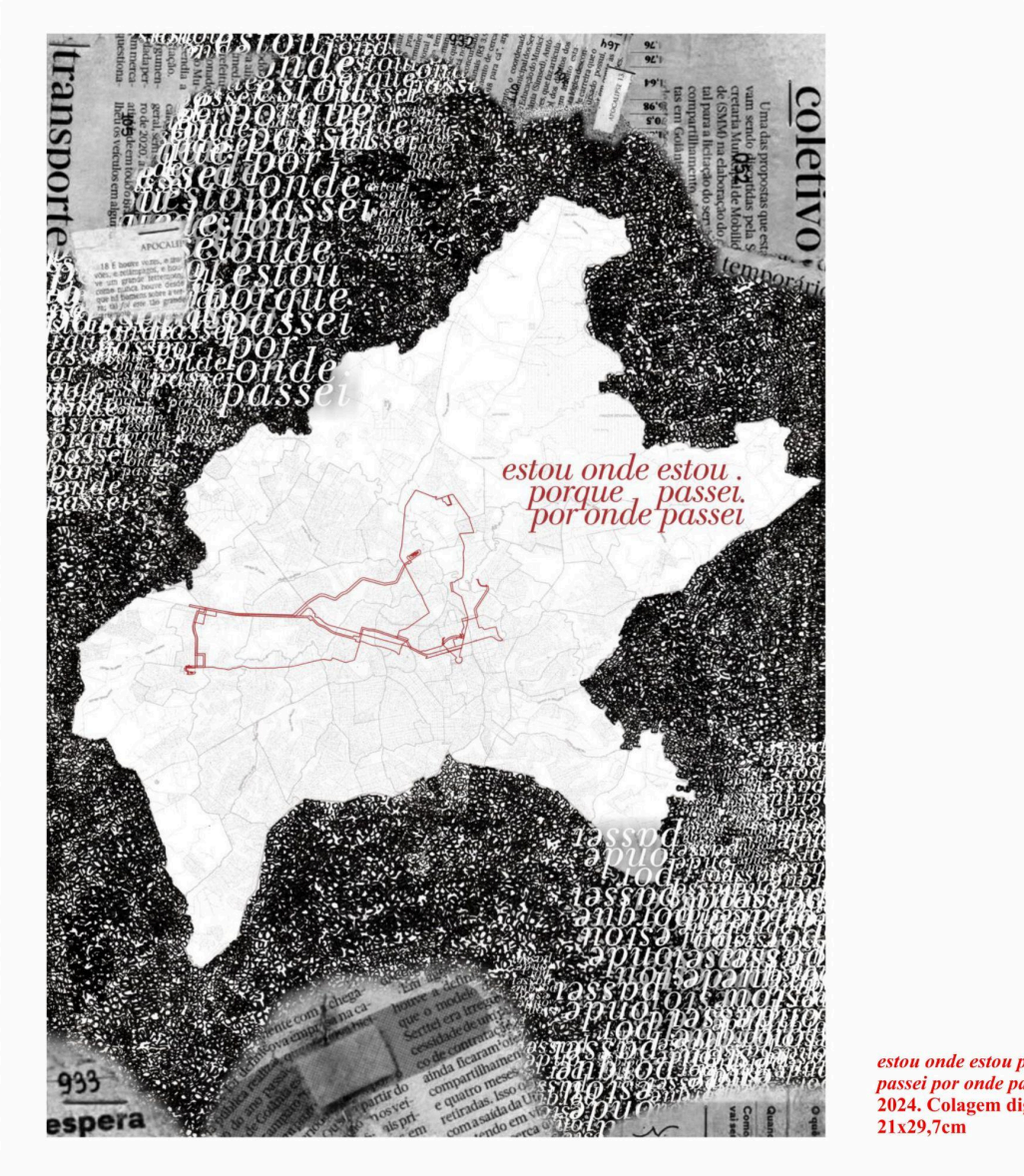
todo ~~re~~começo tem um ~~re~~começo



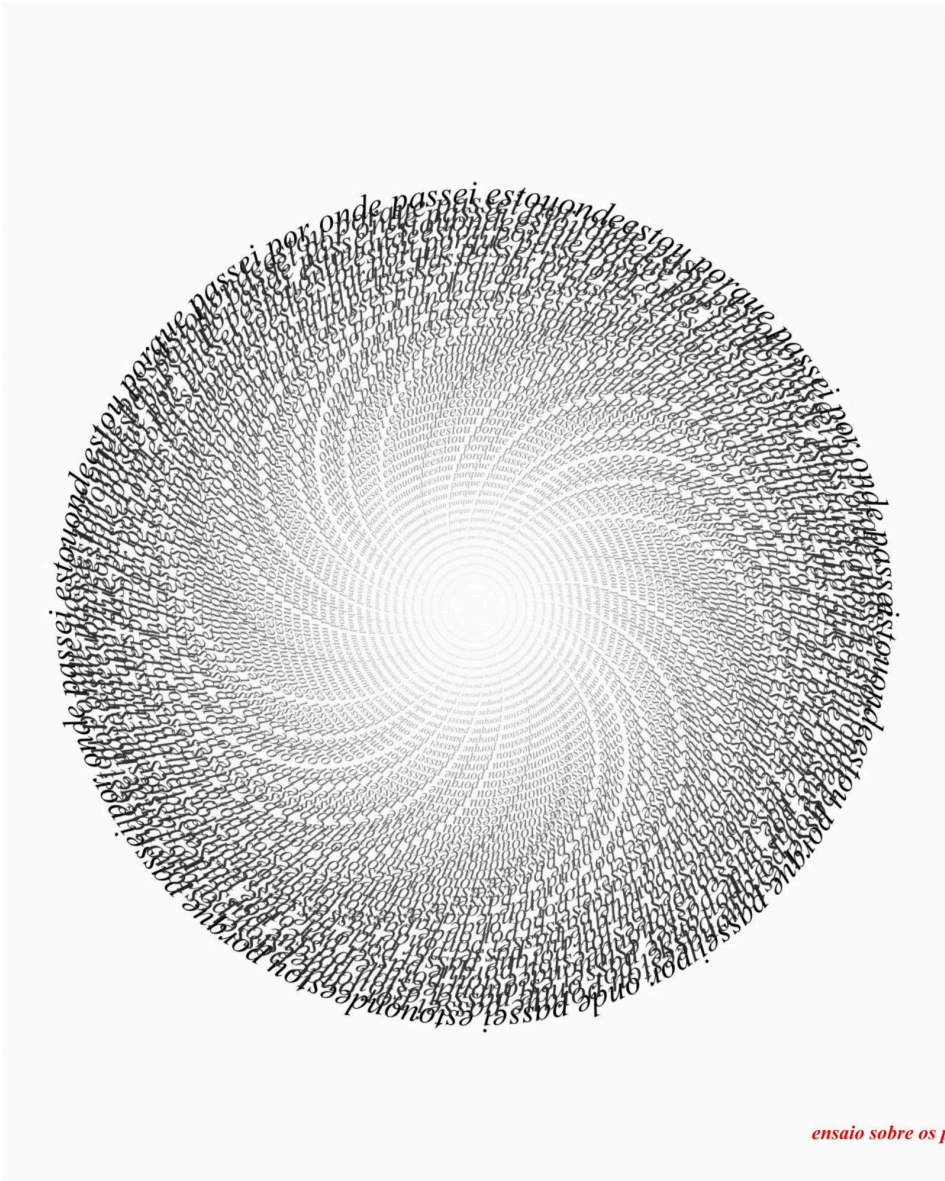
c'aminhador
 2022. Colagem bidimensional (Nanquim, caneta hidrográfica, caneta esferográfica, grampos, curativo, jornal e bíblia sobre mapa sobre papel pinho). 21x29,7cm



*estou onde estou porque
passei por onde passei,
2023. Nanquim sobre mapa.
21x29,7cm*



*estou onde estou porque
passei por onde passei,
2024. Colagem digital.
21x29,7cm*



ensaio sobre os passos #4

dos passos às marcas...
das marcas às digitais

digitais
digitais



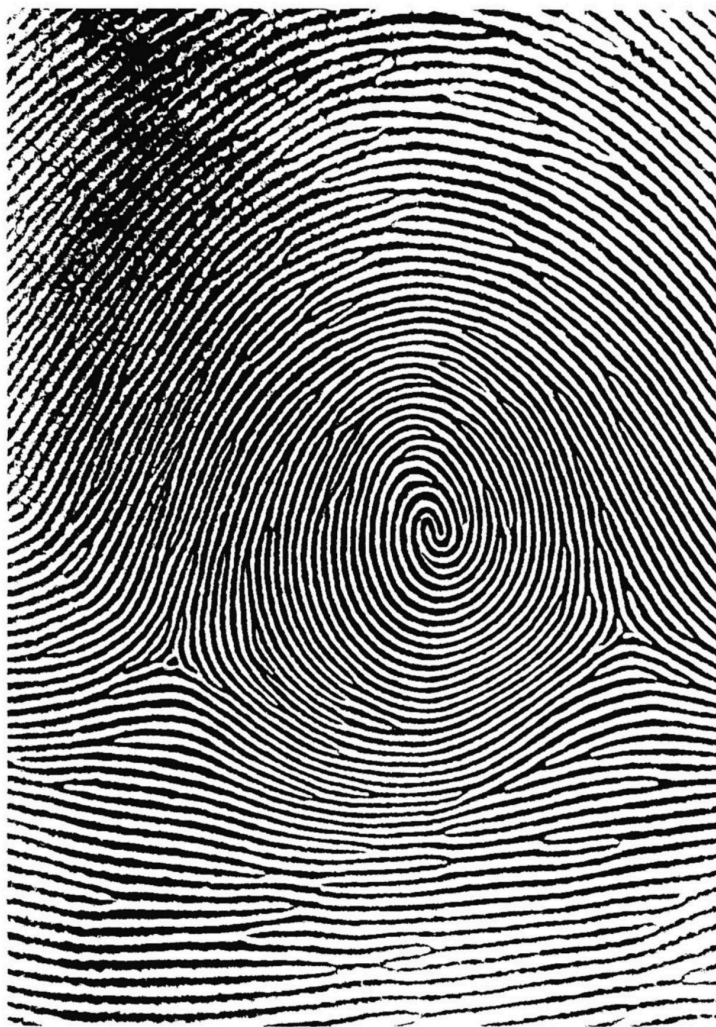
primeiras impressões

digitais digitais #1



novas impressões?

digitais digitais #2



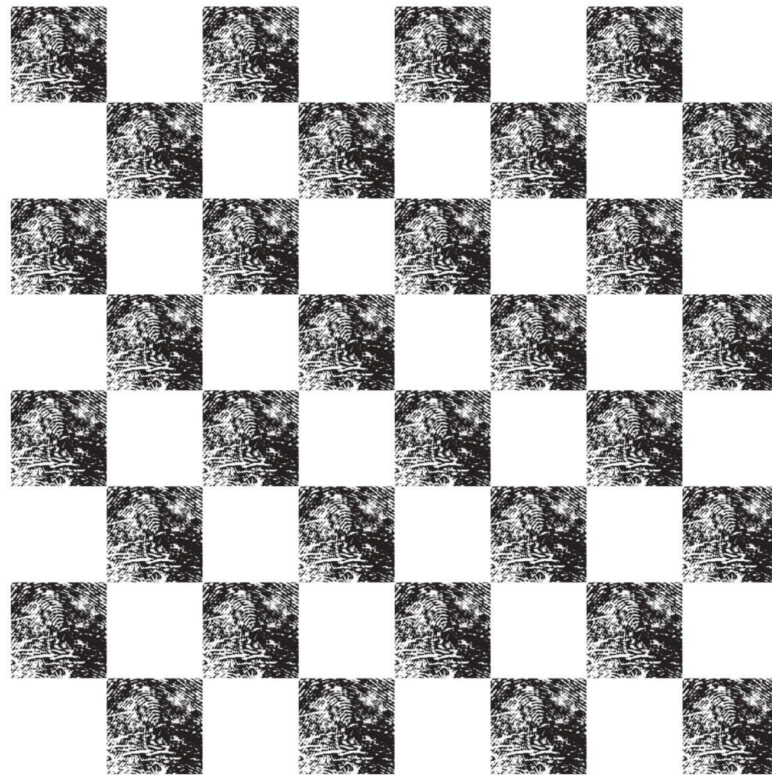
falsas impressões (feita por IA)

digitais digitais #3



identifico passos

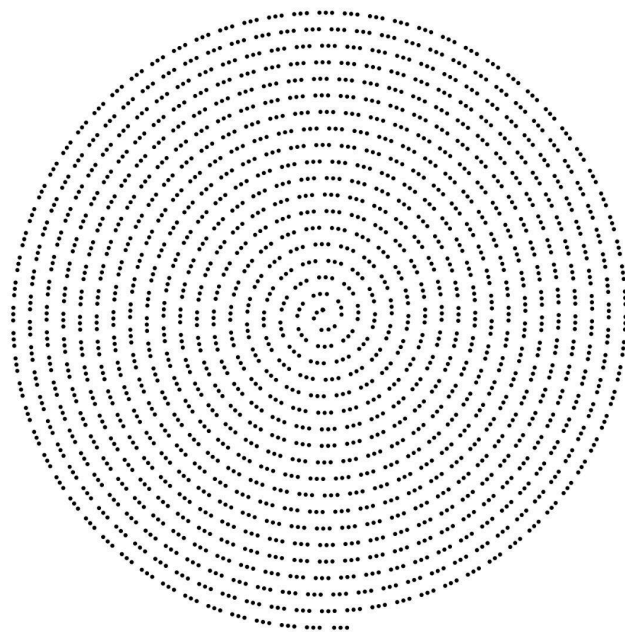
digitais digitais #4



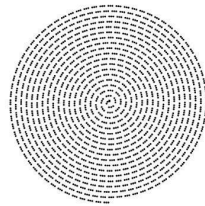
jogo de impressões

digitais digitais #5

e uma coisa leva a outra...



quantas reticências...



...cabem...

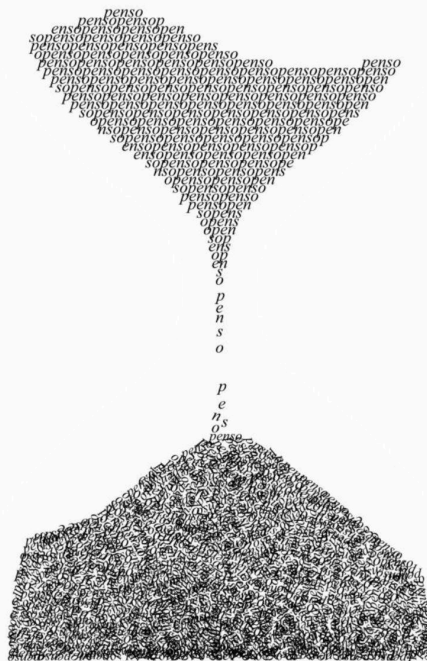


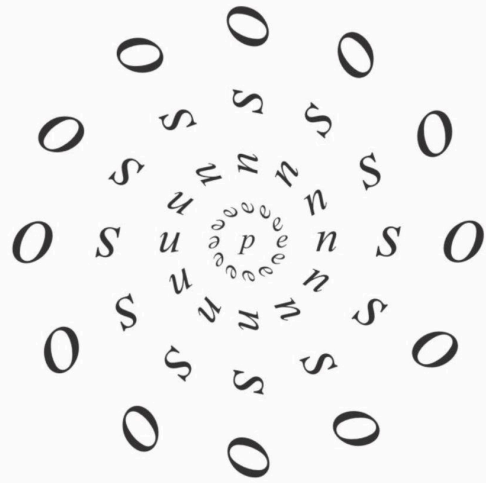
...em um ponto final?

...até que cansa

cansaço

ansiedade
carregado





penso.

ensaios sobre a ansiedade #3



penso...

ensaios sobre a ansiedade #4



há quanto tempo?

ensaios sobre a ansiedade #5



a todo tempo

ensaios sobre a ansiedade #6

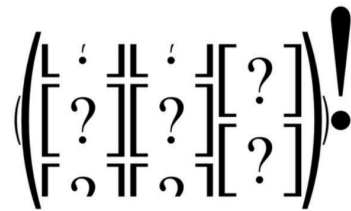


o tempo todo

ensaios sobre a ansiedade #7

denso
denso
denso
senso
penso
penso
denso
denso
denso
denso
senso
penso

*penso
senso
tenso
censo
denso
e só*



jackpot!

ensaios sobre a ansiedade #10

bingo!

B	I	N	G	O	B	I	N	G	O	B	I	N	G	O
!	!	!	!	!	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?
!	!	!	!	!	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?
!	!	•	!	!	?	?	⌚	?	?	?	?	👉	?	?
!	!	!	!	!	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?
!	!	!	!	!	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?

B	I	N	G	O	B	I	N	G	O	B	I	N	G	O
?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?
?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?
?	?	👁️	?	?	?	?	:):	?	?	?	?	!	?	?
?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?
?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?

B	I	N	G	O	B	I	N	G	O	B	I	N	G	O
?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?
?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?
?	?	!!!	?	?	?	?	???	?	?	?	?	...	?	?
?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?
?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?	?




bingo?

jogos de azar #1

B I N G O	B I N G O	B I N G O
	! ! ! ! !	! ! ! ! !
	! ! ! ! !	! ! ! ! !
...	! ! ⌚ ! !	! ! ♠ ! !
	! ! ! ! !	! ! ! ! !
	! ! ! ! !	! ! ! ! !
B I N G O	B I N G O	B I N G O
! ! ! ! !	! ! ! ! !	! ! ! ! !
! ! ! ! !	! ! ! ! !	! ! ! ! !
! ! 🦴 ! !	! ! 😊 ! !	! ! ? ! !
! ! ! ! !	! ! ! ! !	! ! ! ! !
! ! ! ! !	! ! ! ! !	! ! ! ! !
B I N G O	B I N G O	B I N G O
! ! ! ! !	! ! ! ! !	! ! ! ! !
! ! ! ! !	! ! ! ! !	! ! ! ! !
! ! !!! ! !	! ! ??? ! !	! ! ... ! !
! ! ! ! !	! ! ! ! !	! ! ! ! !
! ! ! ! !	! ! ! ! !	! ! ! ! !

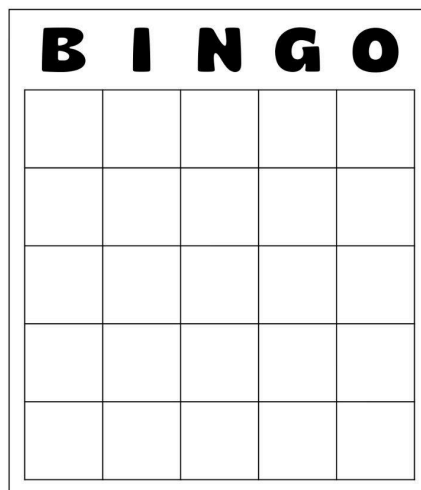
bingo??

jogos de azar #2

B I N G O	B I N G O	B I N G O
? ? ? ? ?
? ? ? ? ?
? ? • ? ?	...   ...
? ? ? ? ?
? ? ? ? ?
B I N G O	B I N G O	B I N G O
...
...
...  :): ? ...
...
...
B I N G O	B I N G O	B I N G O
...
...
... ! !!! ??? ...
...
...

bingo???

jogos de azar #3



cartela vazia

jogos de azar #4

fin.

fm?



